CONTEMPORANEA

MINISTÉRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

SECRETARIA GERAL

Considerando que a revista literária CONTEMPORANEA tem prestado relevantes serviços á propaganda e difusão da literatura portuguesa;

Atendendo que é necessário estimular iniciativas desta ordem, pelo que valem e representam;

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja dado público testemunho de louvor ao director e editor da referida publicação, respectivamente os cidadãos José Pacheco e Agostinho Fernandes.

Paços do Govêrno da República, 6 de Abril de 1923. — O Ministro da Instrução Pública, *João José da Conceição Camoezas.*

Portaria de Louvor publicada no número 83 — II Série do Diario do Govêrno de quarta-feira, 11 de Abril de 1923.

CONTEMPORANEA

DIRECTOR: JOSÉ PACHECO

Rua Nova do Almada, 53-2.º

LISBOA

EDITOR: Sociedade «Edições Contemporanea»

N.º 8

SUMARIO

CRISTO
COMO IDEAL DE BELEZA

DIZIA eu, ha dias, que o positivismo prentendia encerrar o Universo numa redoma de cristal. E assim é; mas, como não pode mandar apagar as estrelas pelo Espaço, nem o Misterio dentro das almas, é certo que partiremos o vidro para alargar entre as estrelas o vôo do nosso sonho, e encontraremos novas dimensões no Misterio para aprofundarmos o mergulho em nossas almas. E, se fosse possivel a A. Comte mandar apagar as luzes do firmamento, ficariam ainda nos arcanos de cada alma os pontos de contacto com um novo Misterio mais profundo e eloquente que toda a extensão imensa do Universo fisico.

E' que numa lagrima de despedida vale mais a invisivel dimensão de seu corpo espiritual de saudade que toda a quimica dos seus sais, ou até, das aguas de todos os mares planetarios.

Temos um unico modo de compreender: é a Analogia.

Compreender é reduzir o desconhecido ao conhecido? é sobsumir os casos particulares sob a rubrica dum esquema geral?

Em qualquer dos casos a compreensão é uma obra da Analogia.

A indução não é mais que uma analogia, que é mais ou menos provavel conforme o grau de semelhança que vai encontrando nos fenomenos; no limite ideal da semelhança, coincidindo com a identidade, a indução é perfeita e dá as verdades matemáticas que Poincaré chamava de indução completa ou recorrencia.

A dedução pura seria a condensação, o somatorio de muitas analogias, por induções anteriores ou sinteses, e que uma analise posterior desdobraria nas consequencias envolvidas.

Ora o animal actua por tendencias, o homem pela vontade: esta é uma organisação superior das tendencias.

Começa quando entre o desejo e o acto se vai alongando o caminho.

No intervalo surge o conceito, ou a ideia, que é acção virtual condensada: o principio dos trabalhos virtuais de Galileu é a norma geral de acção em todos os sistemas fisicos em que soubermos determinar os graus de liberdade e as coordenadas correspondentes.

De modo que a ideia é originariamente teleologica e só a sua possivel libertação de qualquer fim particularmente marcado lhe dará, por o indeferido desse afastamento, o caracter de simples representação de existencias sem referencia aos fins humanos.

E' com estas ideias, *desinteressadas* representações de existencia, que se formam as sciencias. De modo que a sciencia veio quebrar a unidade de ideia teleologica nos seus dois momentos de *existencia* ou meio e *valor* ou fim: diz-nos o que *existe* e não o que *vale*, o que *sómos* e não o que *devemos* ser.

Mas ha mais: como o processo fundamental do conhecimento é a analogia, a analogia que de preferencia vai servir ás sciencias na formulação dos seus juizos de simples existencia tendo de ser o que se aproxima mais da ausencia da finalidade, será a pura inercia duma tendencia, que se componha com outras tendencias igualmente inertes mas de sentidos diferentes. O ideal da sciencia será, pois, a mecanica, ou antes, a geometria a quatro dimensões de Descartes, amplamente ressuscitada pelas cogitações de Einstein.

Ideal scientifico a que só as sciencias chamadas da materia se prestam dum certo modo, mas a que já a fisica pela qualidade das energias e pela direcção unilateral da evolução dos sistemas se vai opondo.

Com a biologia surge em todos os sistemas um novo grau de liberdade claramente distinto dos anteriores e que se chama a herança, no largo sentido conservador e revolucionario de aproveitamento da experiencia da *especie* e suas modificações pela experiencia do *individuo*.

Com a psicologia é que claramente tem de reintroduzir-se a teleologia no aparecimento dum irreductivel *sujeito* ao qual se referem todos os objectos da experiencia.

Mas suponhamos, por momentos, reduzida a sciencia ao seu limite ideal da geometria cosmica de Einstein.

O Universo fisico visivel, ou aparente, é o fantasma dum universo que se compõe dum continuo finito a quatro dimensões sulcado de linhas de estructura e geodesicas dos pontos-acontecimentos, ou singularidades atomicas no sentido etimologico da palavra.

E' o Universo que Democrito e Leucipo tinham visionado e que Lucrecio nos apresenta no maior poema de ausencia, abandono e solidão que a humanidade possui.

Poema dum crepusculo em que os Sois e os deuses se despedem de vez, sem que na Noite um só astro possa reabrir as palpebras tombadas.

Esta a sciencia ideal em seus moldes mecanicos, mas cumpre acrescentar que hoje a mais pura sciencia fisica não pode ser mecanica, porque a *irreversibilidade*, a orientação para um fim, o Destino, a tomou e só fantasmas de sois já mortos percorrerão em breve as geodosicas do Universo fisico.

Quer dizer que este é o despenhar duma torrente para um Mar que nenhum Sol oscula, um relampago ligando duas nuvens que o ultimo beijo do Sol ha de sorver, a cascata dum sorriso começado nuns labios vermelhos e a acabar no silencio imovel dum rictus cadaverico.

E' o pestanejar duma lampada apagando-se e que num eco evanescente circunda em luz o Universo moribundo...

❦
❦ ❦

Eis a imagem do real das simples existencias fisicas.

Se a sciencia é o melhor catalogo dos nossos meios de acção, ela é tambem a historia do caminho para a morte da nossa acção e das suas possibilidades.

Mas os valores?

Que pode dizer-nos a sciencia sobre os fins da nossa acção e sobretudo sobre aqueles fins que a ela não foram pedir os meios? Os meios tecnicos de acção na materia, ela os estudou: ¿mas os meios de acção nas almas?

Não pertenceram á Sciencia, mas porque ela absorveu a atenção do homem, este jujgou por momentos que o seu clarão iluminava tudo e que na sombra dessa luz nada ficava, nenhum outro Sol iluminava a Vida.

Assim julgou, embora um gigante de pensamento, Kant, tivesse claramente marcado o seu ambito na determinação duma parte do *Ser*, deixando de fóra a realidade do *Dever*.

A sciencia conheceria uma parte do Sêr, a sua *aparencia* nas categorias scientificas; a moral conheceria o *Dever*, como transcendendo a aparencia e surgindo do coração oculto da mais profunda realidade.

Dominando o sêr e o dever seria a Unidade essencial, inominada e infinita.

A sciencia é a medida do Universo com estalões materiais, com o que aparece de mais analogico com a inercia.

A arte é a medida do Universo com a alma, no que ela tem de mais concretamente universal, isto é, com os valores da mais simpatia e comunicação. Qual vale mais, em profunda realidade, o estalão material, que é uma imagem da alma, ou esta onde nascem todas as imagens?

A Sciencia procura a verdade na unidade duma formula, a Arte na simpatia das almas.

A Sciencia parte do visivel complexo para o invisivel simples e harmonioso; a Arte parte da pluralidade visivel das formas para unidade interna das almas.

A verdade scientifica está na identidade do sangue que irriga o Universo, a beleza artistica está no pulsar harmonioso dos corações sensiveis ao ritmo do grande Coração invisivel.

E' belo o que sob a aparencia dum plural exterior revela uma unidade interior.

A simetria é a primeira e mais elementar forma de beleza; a simetria é apenas a unidade de repetição, mas só porque a realidade recebe a mesma forma em diferentes direções ela nos revela a intima Unidade que a anima.

Um corpo é belo porque realiza uma ideia, isto é, porque, partindo dum invizivel nucleo de sêr, conquistou espaço e o foi organizando em obediencia a uma forma.

Comparai um escultor com a propria Vida.

Aquele vai amassando o barro informe, alongando a sua alma, ceu de ideias, com o seu corpo, acrescentando este com o barro da sua obra e o influxo espiritual, a agua de vida, que se lhe entorna nos membros, que lhe percorre o corpo, sai por canais invisiveis a plasmar o proprio barro.

Eu evoco agora a ultima criança de Teixeira Lopes, que foi assim feita: o escultor mergulhou a alma num crepusculo de luz amanhecente, aí ela carregou-se da sombra dolorosa da Noite a despedir-se e deixou-se beijar pelos primeiros alvores do Sol a despontar: saudade e alegria, misterio dum adeus a que se misturam os primeiros canticos duma aleluia, despedida e aparição.

O escultor mergulhou, e, de volta á vida do seu trabalho, deixou que a sua alma imprimisse ao marmore, em ronda musical, o nocturno dos astros já perdidos e o estremecimento profundo de toda a terra acordada pelo primeiro osculo da aparição solar.

O que faz a Vida?

No mais insignificante germen dum ser vivo guarda e recorda a Simbolica duma ideia, que vai infundindo na matéria de que se apropria.

Toda a arte, como a vida, é a revelação da Ideia, é uma epifania aumentativa, um circular de imagens e formas no corpo bruto da materia.

Mas imagens dispersas, ideias multiplas, não são a Beleza: apenas fragmentos belos, que mostram a docilidade com que o disperso se faz uno, iniciando o caminho duma Unidade que abrace e cinja todo o real.

Totalizar os fragmentos de belo, atingir para além do belo particular a pura beleza é a ansiedade das almas.

Que nos importaria a unidade de almas, que, porventura, aqui, façamos, se soubessemos irremediaveis as separações que de fóra nos espreitam?

Que me interessa o calor do meu lume, se sei que os outros tiritam de frio, e que o Sol será um dia regelado e morto?

Estou na Vida: uns amam-me, outros odeiam-me, ¿como me bastaria o amor dos primeiros se fosse irremissivel e eterno o odio dos outros?

Só a Unidade total, a que chamarei cosmica, embora só exista transcendendo o cosmos fisico, nos interessa inteiramente. O caminho é, pois, para a Beleza Pura.

A Beleza pura não se limitará a infundir uma *ideia* na matéria, não fará *imagens;* antes terá de ser o proprio coração da Vida, revelado e patente, a animar a carne e a materia.

A Beleza pura é, pois, o coração de Deus revelado: o supremo bem de Platão feita imagem viva, o verbo criador passeiando em Graça por entre os homens.

A Beleza pura é Cristo.

O escultor é a divindade e a materia tocada de seu sopro vai erguer-se, com os lirios da Galileia, as anemonas vermelhas de Jericó, as boninas e as rosas, em corpo de graça e perfume espiritual, amanhecendo as almas como o Sol de seus horizontes.

E' a Unidade perfeita e completa, não uma unidade absorvente que queime em sua fervente paixão as almas hesitantes dos outros, mas que as desperta e exalta para que, aprofundando-se, olhem do outro lado para os deslumbramontos do mundo espiritual.

As cegueiras do corpo, que suas mãos balsamicas curam, representam apenas uma onsequencia, uma ressonancia na materia da cegueira espiritual de todos que Ele veio curar.

Os olhos das percepções materiais abrem se, porque, pela fé e pelo amor, já se abriram os olhos da percepção espiritual. Os paraliticos andam, porque em todos se fez a omnipresença pelo amor.

As doenças fogem, porque são a desarmonia, a desunião e o mal e Ele é a Unidade, o Amor, a Graça e a Harmonia.

Cristo é um meteoro espiritual, um raio do amor divino unindo o puro amor e perfeita presença com a desgraça e o abandono.

Imaginai um potencial electrico infinito tombando a igualar-se com o potencial do planeta: este seria um incendio brilhando por instantes no ceo.

Assim é Cristo: um infinito incendio de amor, que funde todas as tristezas do abandono, da miseria e da dor.

A pecadora, vitima da sensualidade e do desejo, é de pronto lampada votiva ardendo em luz de puro amor espiritual.

Vamos no planeta em terrivel noite sem astros, perdidos pelos caminhos, e de repente uma chama, enche o Espaço e mostra a nossos olhos deslumbrados os segredos de toda a Terra: iamos na Vida ás escuras e de repente um coração a arder, relampago despedido do pensamento divino é Verbo caadente, revelando os arcanos do Invisivel, e os mundós giram em orbitas de amor, o zodiaco arde em fogo espiritual e as almas olham-se queimadas numa mesma chama, que se perde em puro deslumbramento abraçando e envolvendo tudo!

Faz-se a Unidade, só ha beleza: e os corpos são simbolos duma presença que tem de fazer-se activamente pelo amor, que compreende, abraça e unifica.

Entre o belo e o sublime põe Kant a diferença que vai da unidade do entendimento para a unidade da Razão.

Um objecto é belo, quando na sua apercepção se realiza o acordo entre a sensibilidade e o entendimento; é sublime, quando, pelo desacordo duma sensibilidade impotente para unir, surge o caracter augusto da Razão unificadora.

Mas Cristo é belo e sublime, porque nele a beleza pencelar não se distingue da beleza universal.

E' a propria Beleza, porque é a pura Unidade revelada e patente.

A Beleza é harmonia e a dor pode parecer incompativel com a beleza; d'ai talvez a

tendencia de erguer em sublimidade a cruz do Golgota e de ver em beleza as palávras das suas parabolas, saindo de seus labios, ora num estremecimento doce e harmonioso, como o vôo das aves dos ramos dos salgueiros, ora direitas á escuridão duma alma como uma lingua de fogo ao metal que hade fundir, ora longinquas e crepusculares levando um perdão de quem conhece o peso arqui-secular do pecado e das trevas.

Mas a dor do Golgota não é a dor da separação e do mal, mas do amor activo que se põe a arder para que ao seu calor se fundam as descrenças e todas as solidões das almas.

Dor voluntaria, como lenha da fogueira ideal que ha de aquecer e iluminar até que em plena luz se revele, a todos, a Unidade, que é o coração da verdadeira vida.

Tornar a nascer é o que é preciso para vêr Deus, renascer em espirito, olhar para o outro lado do veu que os nossos habitos e paixões separatistas fizeram correr no drama da Vida.

Fazer em cada alma o milagre mais facil de descobrir o mundo espiritual, como ele fez em seu corpo o milagre da ressurreição.

A sua vida é a propria Beleza em marcha: toca os miserias e elas fundem se em cantos de gloria e fé; toca as opressões materiais da vida e eles desaparecem contemplando a formusura das assucenas que não ficam, nem tecem e vencem as purpuras de Salomão; toca o pecado e um negrume de milhares de noites amassadas em comprimida treva é canto de cotovia filtrando a luz da madrugada; toca as chagas, as verminas e as lepras e são revoadas de perfumes que vão poisar nas madresilvas dos caminhos...

E por ultimo, humilde, fazendo-se o mais pequeno de todos lava os pés aos discipulos na despedida do convivio terreno, sentindo, em seu coração amoroso, a exaltação infinita do Amor a que se entrega.

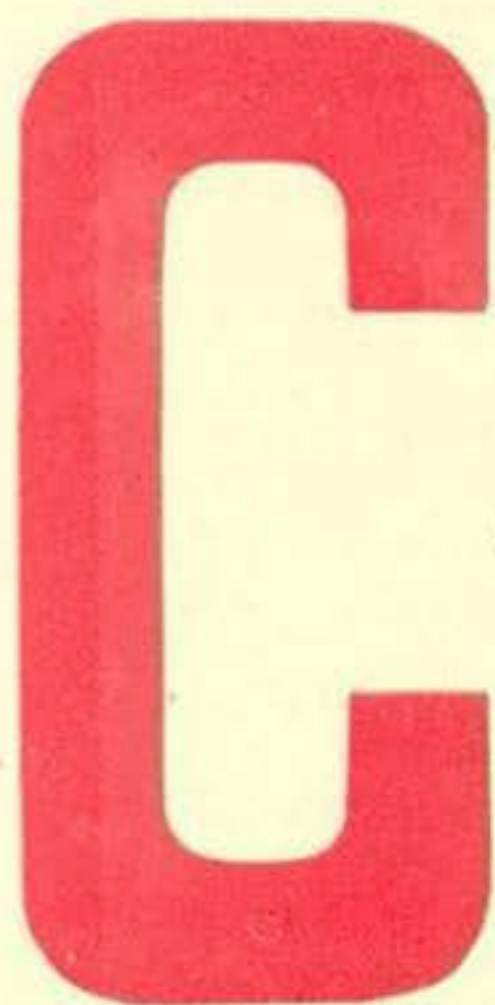
Sobe o Golgota e aquela Cruz apontando os quatro cantos do espaço, prolongando-se até aos confins do mundo fisico e duplicando-se em rosas de amor no mundo espiritual, abre-lhe os braços como se a propria madeira já morta quizesse tambem beijar o corpo daquele, que, sendo puro Amor, se fez carne para com sua fogueira iluminar para sempre os secretos caminhos da vida eterna.

E expirando deu um grande brado, que ficou nos ouvidos terrenos dos homens como se Ele se tivesse feito boca por onde viessem clamorar todas as angustias, todas as torturas e solidões de alma, como se sua boca se tivera feito a cratera dum vulcão, por onde toda a lava da dor humana se precipitasse ofegante para as supremas alturas da Alegria e do Resgate!

O veu do Templo rasgou-se, a estrada do Ceu fez-se um rio de luz, onde a barca de Isis pode para sempre navegar em bonança, porque essa luz é o proprio amor humano confundindo-se no puro amor divino...

Em corpo de Saudade regressou ainda a avigorar a fé nos destinos espirituais do homem e, como se não podera desaparecer para lá da linha do horizonte das duas vidas, volta a mostrar-se na curva do Caminho, como um lenço branco de Luz, acendendo a eterna Alegria das Almas!

LEORNARDO COIMBRA

EL ENTE PLASTICO

Con palor de dia gris se asoma ese muñeco á los escaparates de objetos de pintura. Se apoya en un caballete ó se sienta sobre una de esas paletas de porcelana que son tan odiosas.

Ese maniquí de madera es en verdad un ente, algo que existe, tiene vida propia y es grotesco. Al mismo tiempo ese engendro tiene algo de muerto, de muerto antes de nacer, de tipo de ser en los limbos primievos, de proyecto abortado, de primer momento de un alma, de larva humana.

Para mi siempre ha tenido una gran fuerza fija ese muñeco de vestir que tienen los artistas en sus estudios y que no se sabe como clasificar.

¿De quien es hijo el tal monigote? ¿Es muñeco, espectro anatómico ó ser vivo? ¿En que capítulo de la fauna debe figurar? ¿Entre lo monstruoso, entre lo vivo ó entre lo muerto?

Está siempre en el acuario de la tienda. Da tipo de tienda de pinturas al establecimiento pero tarda mucho en venderse. Parece un niño triste que juega eternamente con los pinceles, las paletas, los lápices de colores y los tarros que son tan simpáticos de apretar. Es el crio infausto que no sale nunca de la convalescencia y que juega á iluminar los paisajes esquemáticos de las cartillas de dibujo.

Tienen cambios de postura en sus escaparates eternos. Unos dias al abrir la tienda están sentados en el sillin campestre para los pintores, otros como con una lanza en el tiento en ristre, otros junto á la caja de bombones de la acuarela.

A través de mis paseos por las ciudades, en mis paratetismos más solitários he encontrado siempre de cuerpo presente y queriendo ser un juguete del dia, a ese muñeco malogrado, juguete ciego, calvo y con hechuras bastante perfectas, ¡Hubiera sido un niño tan bonito!

En los dias más desconceptuados de mi vida, en los dias de fallecimiento he visto siempre al maniquí híbrido, desustanciado, trivial, que dá á los escaparates de las tiendas de pintura tipo de tiendas fúnebres.

Mi mirada hácia el muñeco hospiciano no era la que se dirige a un objeto cualquiera, la que se dirije á los bastidores con lienzo que dan pena porque casi siempre soportaran un quadro malo, ni á las cartucheras de municiones de los tubos de óleo, ni la mirada que se arroja desesperada sobre ese paisaje en uno de cuyos rincones se lee un «*Se vende*», escrito con letra mendicante.

El maniquí de artista tiene un gesto descompuesto de niño que tuvo la meningitis y tiene algo de muñeco de ventrílocuo despintado, embrionário, filosófico.

Parado frente á los escaparates me decia yo siempre: « Es un hombrecito, algo particularmente sério que no podria sufrir las bromas de un niño y que por lo tanto nunca podrá dársele de juguete a un niño... « Tiene la melancolía de los cartabones ».

El monigote ortopédico, el bailarin mudo y quieto — al que ha querido hechar á perder Pinocho — con el tipo de los sêres anatómicos á los que se ha quitado la primera piel. Es algo así como el ser vestido solo con un traje como de tejido conjuntivo.

En cada poblacion me ha caracterizado para siempre el sítio en que se me aparecio. ¡Oh, Montparnas lleno de ellos, como si fuesen las « tenias », a medio bien formar, del Arte y la Gloria!

* * *

Por fin sin ser pintor he comprado uno de esos entes que miran al cielo y lo he observado com repugnancia de su tristeza y con deseo de descubrir su secreto.

Nadie como yo ha dedicado una atencion tan intelectual y tan constante a ese sêr olvidado, perdido en los rincones de los estudios, tratado como una cosa.

He sido el disecador, el anatomista, el observador científico de ese espantajo de la nostalgia de no se sabe qué.

Me ha dado noches de pesadilla y me ha abrumado con la idea de todo lo que permanecera informe en el espíritu aunque yo muera por darlo forma. Ha sido colgado de su clavo n.º 1898, la emulacion para que todo sea divertido en literatura, el remordimiento ostentoso de las cosas inacabadas, de las cosas en ciernes, de aquello en que se penso lo mejor y se olvido enseguida.

Pero no encontraba su secreto soporífero y intelectual de ningún modo, aunque puse en ebullicion toda mi matéria gris.

Hasta que un dia la modelo trivial, al verlo en un rincon de mi torreon gritó: « ¡Hijo mio! », y me contó que era hijo de ella y del pintor mediocre de los cabellos rubios, el aborto de los partos que suceden en los divanes de los pintores y que ván a parar á las inclusas de las tiendas de pintura para que sirvan de modelo contorsionista á los pintores mediocres. ¡Por eso yá no se encuentra en los estudios de los pintores geniales como no sea como documento arqueologico y sarcástico!

Ramon Gomez de la Serna

Trompas de Santo Huberto

Rompem trompas bradando em estrondo o halali
E na manhã que vem surgindo atraz dos montes
Ha deboches de Côr onde o fulvo rubi,
A amethysta e o topazio ardem nos horizontes.

Rompem trompas bradando em estrondo o halali
E no bosque frondoso onde o rumor desperta
Ha echos recordando um velho javali
A que um Rey bruxo e triste encetou guerra aberta.

Caçadas medievaes onde um falcão palpita
Sobre o dedo afilado e roseo das Princezas
Trotando, a trança ao vento, em crystalina grita.

Memora ao longe um echo um longinquo halali,
E na manhã que espalha ardencias nas devezas,
Rompem trompas bradando em estrondo o halali.

CARLOS DE VASCONCELOS

Coutinho Franco

AMADEU DE S. CARDOSO
"PROCISSÃO EM AMARANTE"

O Pelica

Ninguem lhe sabia a vida, de onde tinha vindo nem onde morava. Uma tarde apareceu pela *caixa* do teatro e no dia seguinte, já todos se tinham habituado a vel-o.

Era magro, um pouco dezageitado nos gestos, sempre de barba feita, e o cabelo, num esmero de *toilete*, uzava-o corrido atraz, muito lizinho, a mostrar cuidado. Quando falava, nos cantos dos labios apareciam rugas de saliva gomosa e uma falha de dentes abria-lhe na boca um ponto negro de miseria.

Chamavam-lhe o Pelíca sem ninguem, nem ele, saber porquê. Comia nas tabernas proximas do teatro, mas se havia *matinée* e alguma *corista* mandava vir o jantar para o *camarim*, não desdenhava rapar com miolo de pão as travessas sujas de comida ou aproveitar o pedaço de maçã ainda não furada pelo bicho.

Um pobre diabo, fiel que lá isso, qualquer lhe podia confiar ouro em pó. Sabia a morada de todos e ninguem lhe ganhava em ligeireza de pernas quando era preciso chamar trem, ir buscar o colarinho esquecido ou trazer n'um pulo a sombrinha se a noite não despegava de chover.

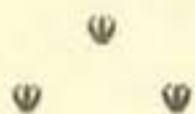
Quando a companhia partia em excursão, o Pelica lá estava na *gare* olhando pelas maletas e caixas de chapeus, roído de saudades, agitando o seu lenço sebentão até o comboio desaparecer no negrume do túnel. Andava uns dias a falar de todos, a recordar, mas depois lá voltava para outro teatro e de novo chamava trens, entregava cartas e ramos de flores, ía a recados e encomendas.

E sabia coisas!

As joias empenhadas para arrancar dinheiro a um admirador mais esperto, as dividas á contrabandista de roupa branca, as escapadelas por noite velha com o amante predileto, de que mãos vinha o dinheiro que aquele gastava e quem lhe tinha dado o anel com o brilhante grande! Se ele quizesse falar! Sabia coisas!

A's vezes uma atriz tomava-o ao seu serviço, convencia o amante a dar-lhe um fato que já não quizesse e o Pelica armava então em *secretario particular*, acompanhava a casa, ía á modista, ficava de atalaia, não fosse o «velho» aparecer mais cedo; trepava para a boleia do trem muito ufano no

seu casaco de mangas compridas, cheio de rugas nas costas, que não valia a pena mandar ajustar o fato.

❦ ❦ ❦

Andava então o Pelica por um teatro de revista.

Não ía mal a vida. Quazi sempre a Dona Adelia jantava no *restaurant* com o senhor Eduardo e o Pelica comia do bom e do melhor como qualquer fidalgo. Alem disso, como a raparigada dos *córos* era quasi toda nova, não faltava quem quizesse mandar flores e garrafas de cerveja, recados e caixinhas de bombons com bilhetinho a convidar para ceia.

Certa noite, sem saber como, o Pelica respondeu torto a um tal que lhe queria dar uma carta para a Dona Adelia, e desde então é que o Pelica reparou que lhé custava muito receber recados para ela. Para as outras, estava bem, sempre era ganhar umas notas, mas para a Dona Adelia, não sabia explicar, mas custava-lhe tanto!

Pouco a pouco, principiou a andar triste a ir espreitar a casa d'ela altas horas e d'uma vez que viu abrir-se a janela devagarinho e aparecer uma mão a dizer adeus ao senhor Eduardo que sahia de gola levantada, teve tal raiva que se tivesse uma navalha, tinha-lhe dado uma facada, ali mesmo, á traição.

Se o mandavam a qualquer recado, demorava-se sempre e de quando em quando aparecia a cheirar a vinho e abria questões com os carpinteiros, ameaçando-os de pedrada por qualquer motivo.

N'aquela noite apareceu com o *bonét* enterrado até ás orelhas, as botas cobertas de lama, as mãos encafuadas nos bolços das calças, n'um grande ar de dezalento vadio.

—Por onde tens andado?—gritou-lhe a Adelia—Anda cá que precisamos de falar!

E o Pelica enfiou para o *camarim* porque a Adelia não fazia cerimonias e até já tinha despido a malha muita vez diante de ele.

—Hontem á noite o senhor Eduardo não te deu uma carta para mim?!

—Uma carta?!—repetiu o Pelica com surpreza—Uma carta?

—Sim! Toda a noite o rapaz a assobiar na rua e tu com a carta na algibeira!

—A carta...

—Sim! Tu parece que andas bebado! Perdeste-a?!

—Não senhora, Dona Adelia, pela sua saude não me faça mal! mas...

—Mas o quê?!

—Eu não perdi a carta!—e o Pelica torcia com força a pala gordurenta do *bonét*—Eu... eu rasguei a carta, Dona Adelia!

—Rasgaste? Mas porquê?

—Porquê...—e o Pelica abria muito os olhos procurando um ponto onde o olhar se prendesse—Porquê... porque estou apaixonado por si

Dona Adelia e desconfiei que era combinação para ele ir dormir consigo! — e o Pelica deixou-se cahir de joelhos, as lagrimas rebentando-lhe dos olhos vermelhos, o queixo a tremelicar em contrações nervosas.

— Apaixonado!?... — a Adelia que ia a por a cabeleira, parou o gesto e deixou-se tombar sobre uma cadeira, a cabeça para traz, olhos fechados, a boca bem aberta n'uma gargalhada aguda, estridente.

O Pelica dobrado em arco, quasi tocando a cara nos joelhos, amarfanhou-se mais para o canto, sacudindo os hombros em movimentos rapidos, o queixo fincádo nas mãos reluzentes de lagrimas.

— O' Ernestina! — gritou a Adelia — Anda cá!

— Que foi?! — acudiu a outra a abotoar o vestido debroado a traços de oiro falso.

— Não queres saber?! — e Adelia mal podia falar — O Pelica! O Pelica que me fez uma declaração de amor!

Ao canto, o monte de lama e trapos que se agitava, grunhiu mais alto n'um soluço e tentou esconder-se para o fundo da bancada, fugir ás gargalhadas da Adelia que pareciam rasgar-lhe os ouvidos em golpes crueis, desapiedados.

— Sempre te acontece cada uma! — e a outra riu tambem dando palmadas nas costas no Pelica — Ora o palerma!

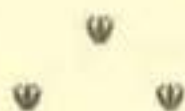
— Para o que eu estava guardada! — e depois emquanto enchugava as lagrimas que o riso lhe puzera no pintado das pestanas — Levanta-te d'ahi Pelica! Ora não querem lá ver! Vá! Tem juizo!

— Sim senhora Dona Adelia — respondeu ele levantando-se de vagar e escondendo a cara.

— Ora tu! — continuou ela emquanto remechia o fundo da malinha de seda — Bom! Toma lá e tem juizo! — e estendeu-lhe uma nota de dez mil reis.

O Pelica ainda a sacudir os hombros n'um automatismo de sunambulo, sorveu o ar pelo nariz ao mesmo tempo que passava as costas da mão pelos beiços e recolhendo a nota segredou com o queixo a tremer:

— Muito obrigada, Dona Adelia!

* * *

Horas depois, quando as estrelas já fugiam com medo, o Pelica apareceu perdido de bebado pelo Teatro, áquela hora mergulhado em sombras silenciosas. Parou junto do cartaz que anunciava o espetaculo e, fazendo um esforço, correu o dedo pelo nome da Adelia impresso a letras vermelhas. Depois, descreveu uma curva e lá se foi aos bórdos, rasgando notas de meio tostão e resmungando n'um entaramelamento de embriaguez:

— Um raios a partam!... Grande cabra!... Um raios a partam!...

HENRIQUE ROLDÃO

NOCTURNO FRENTE AL MAR

Olas... olas... olas...
Colmadas
de rabia, dolor y ansiedad,
vienen, allá de la honda noche,
y se ponen, roncas, a aullar
a las negras rocas inmóviles
que no han de escucharlas jamás.

Alargan y encogen, felinas,
los torsos en la obscuridad,
con la llama azul de los ojos
alumbrándoles el babear...

!Es la condenada jauria
hidrófoba de Satanás,
que no ha de tener nunca... !nunca!
ni un solo momento de paz!...

Que quisiera morir, ahogarse,
y acabar con la eternidad
de dolor y de horror...

Se muerden trenzadas y rugientes; dan
alaridos, brincos, zarpazos
y dentelladas de animal
monstruoso, herido y moribundo,
!pero no pueden acabar!...
Los preñados vientres titánicos
vanamente destrozarán.

No mueren; paren nuevas hidras
que tambien se ponen a aullar,
y a escupir sus iras nacientes
con blasfema voz de huracán!...

?Y es éste horror el que me llama
con voces de fatalidad?

!Abismo donde no se ama!...

!Y asi por una eternidad!...

ANTONIO REY SOTO.

CANTICO do Amôr SEM ESPERANÇA

por

FELIX CORREIA

MEUS olhos estendem-se em vão, numa ancia, numa suplica, a que ninguem atende, a que ninguem responde.

Esfria-me a alma um vácuo profundo, um vácuo eterno que ninguem pode preencher.

E's tu que me faltas — e tu não podes ser minha, e tu és doutro.

E os meus nervos crispam-se, na tortura indefinida do que não tem remedio, do abísmo que se não pode evitar, porque já estamos dentro dele.

E o meu coração já não é vermelho como outrora; empalideceu-o a desesperança, e o sangue moço, e o sangue forte, esvaiu-se, perdeu-se...

*

* *

EU era forte, eu era alegre, quando te conheci; e hoje sou um farrapo, amarrotado a um canto, sem coragem para vencer a Vida, porque te não posso vencer a ti...

Que filtro misterioso usaram os teus dedos, que magicas feitiçarías ocultaste nos teus olhos, para assim me prenderes, para assim me fazeres ajoelhar a teus pés, ancioso e alvoroçado como o pecador no altar duma santa?

Que poder inexprimivel e diabolico é esse do Amôr, que, assim como dá vida, assim no-la tira, no-la esfrangalha, no-la mata?

Eu era forte, eu era alegre... E hoje...

*

* *

TÃO valoroso eu era, e tão cobarde eu sou, que, não podendo vencer a Vida, continúo a lutar com ela, como o nauta que marcha a caminho dum naufragio certo!

Os meus dias, sem ti, sem o brilho dos teus olhos, sem o perfume calido e sensual dos teus beijos diabolicos, são noites frias e longas, em que não brilha o sol, nem a lua, nem as estrelas.

E, no entanto, eu continúo a viver, a sonhar com um amôr impossivel, com um amôr que Deus não quere!

Deus! Talvez esteja aí o segredo da minha vida, talvez esteja aí a explicacão da minha cobardia e da minha esperança insensata.

Fragil e doloroso é o amôr terreno. Parece o sol e é um charco muitas vezes. Tomam-no como a verdade suprema, e quantas vezes não é uma mentira, uma mentira que nós desejamos que nos engane, como um frade que adora os cilícios porque daí lhe virá a felicidade maior.

Amôr sem esperança, triste e dolorido amôr! Sinto que és o martírio e aceito o martírio, porque se és tu que me mortificas a vida, és tu, além de Deus, o que me prende á Vida.

INTERIORES de minha casa

Pintei a côr de fôgo o meu convento,
O meu solar que a prêa-mar arrasa
E onde faz marezia a todo o vento.
Pintei-o a côr de coração em braza!

Sobre a alva cal, a branca côr felice
De antigas caiações de meu avô,
—Nesta Nau encalhada na Planice—
Mandei que me pintassem qual eu sou.

Qual eu sou, qual a dôr do meu talento!
—Côr crestada de côr, almagre de tijôlo,
—Como os dramas da crôsta e acidez do solo,
Sem azul, sem azul, e sem nenhum cinzento!

AFONSO DUARTE

DORDIO GOMES
"PONTE DO CARROUSEL"

A INVERSÃO SENTIMENTAL

-novela-

Creio que amei Hélia, a *Surflamme*. A êsse tempo, ainda em mim se não havia dissipado, à fôrça de experiência, a ilusão das coisas da vida; era quási poeta e acreditava que há momentos bons no mundo além da mulher que se adora, a mesa de que se gosta e o descalçar uma bota que nos aperta. Que saudades tenho dessa época em que eu, duma credulidade toda empirica, era infinitamente sábio!

Não sei se adorei Hélia com todas as véras da alma; os seus vícios entremostravam-se encantadores porque eram novos e as suas virtudes detestáveis porque não ofereciam novidade. Era por estirpe uma destas tiges loiras do *faubourg*, frágeis, egípcias, sem ancas e quási sem seios. O grande chapéu derrubado dava-lhe um ar exacto de criptogâmica, ou de guarda-sol, que pulsos rijos poderiam passear ao alto, por uma perna ou pelas duas juntas, tão frágil era. Surpreendida em repouso, ficava um focinho de nada, pintalgado, pódarrosado, apenas, com uma leve provocação no rebite do nariz à virtude dos donzeis.

Eu aprendi a amar, antes de as conhecer, estas siluetas La Gandara que visitavam a minha serra nas caixas de fósforos de vintem, e nos catálogos que a mana Inês recebia das Galeries-Lafayette. As carnações robustas e vassoirudas da aldeia levavam-me, por êste amor ilógico do contraste, a sonhar mentalmente com elas até o regabofe dos regabofes.

Hélia era ignorante, mas a sua alma dir-se-ia um golfo adormecido onde vinham deusas e sereias cantar árias maravilhosas. Coisas e seres surpreendia-os por lado no qual as minhas mãos não saberiam tocar, ou que meus olhos não viam. Andei com ela pela Europa e descobriu-me coisas que M.me de Staël não suspeitou sequer.

Hélia mentia com zelo e convicção, e eu aprendi com ela a arte sumamente útil de aparentemente deixar-me lograr pelos néscios e crer no que nos dizem os sábios e as mulheres, o que é cómodo. Enganou-me cem vezes, e eu habituei-me a domesticar o riso e a amar as convenções despreziveis.

Com ela atingi a máxima intensidade do *eu*: não espalhar a minha felicidade e fugir de pôr pé na zona alheia, tormentosa. Encontrei-me assim em equilíbrio com Paris e o meu tempo, e essa vantagem devo-lha.

Hélia era a emanação perfeita do nosso século a vapor, a 100 à hora na terra, a 150 no céu. Encontramo-nos uma tarde no *metró* e, na tarde seguinte, a minha *garçonnière* apoderava-se dela e ela da minha *garçonnière*. A sua vontade de acção batia asas nervosas para igualar o seu pensamento; ainda lá não chegamos, mas Hélia será, relativamente a êsse porvir, o animal transitório e precursor. É por isso que lhe chamava a «*Surflamme*».

Singular, não se conduzia em virtude dum destino para um fim; a sua missão na terra era semear a voluptuosidade; e o seu mór prazer não era retirar gôso mas ser instrumento de gôso. O papel de Hélia, ainda que instintivo, aparecia-me eminentemente filantrópico, como os fontanários postados nas ruas para matar a sêde de quem passa.

Pelo pitoresco, dava-me a impressão destas estátuas que estão nos jardins para embelesar. Enternecia-me, em suma, mais que o bom Samaritano. Paris tem dêstes infinitamente pequenos, cuja função é dar o prazer sem preço, e que, por lastimável olvido, ainda não foram elevados à categoria de instituições como as *concierges* e os sábios da Academia.

A *Surflamme*, quando no crepúsculo do segundo dia em que nos conhecemos tirou o chapéo, o espartilho e os sapatinhos sôbre a minha cama, não me amava por mim; amava-me na voluptuosidade que me ia dar. Não procurava a luxuria grosseira dos abraços, não; obedecia à tendência de se dispersar, de cumprir a sua obrigação de jucunda.

Foi, por ventura, devido a isso que talvez a amei; a sua parte mais nobre decorria no inconsciente, que eu gostava de sentir bater, trabalhar como o volante pequenino dum relógio de pulseira. Todo êle era, aliás, um jardim viçoso onde ainda havia Adão e Eva e animais ferozes em liberdade. Se, devassando-o adormeci nele, a culpa foi minha em não permanecer de sentinela.

Todos os seus movimentos, febres, nevroses eram vibrações harmoniosas dêsse inconsciente, cansado da vida reflectida e matemática do nosso mundo. O círculo, que nos oprime, horas, espaços, necessidades, trazia-a mais magoada que o espartilho. Lembro-me ainda das suas revoltas contra o immóvel! e o impossivel! contra o dinheiro e a marcha lenta dos automóveis a 80 quilómetros à hora! Contra êsse espaço rígidamente inalterável que separava a *Place Sainte-Geneviève do Pavillon Bleu de Saint-Cloud!* Exclamava: — Porque havemos de ter êste espaço a percorrer?!

Em mil anos as rapariguinhas, como Hélia radiosas e magnéticas, não terão êsses espaços a andar; bastará querer para o pensamento as conduzir celeramente às paragens do desejo como hoje as leva lá, de salto, em representação. O pensamento das Hélias do ano 3.000 será uma liteira vertiginosa e confortável rolando fôfamente no éter suas tiges insexuadas de peregrinas.

Essa sua voz bárbara do inconsciente valeu-lhe a alcunha de *Surflamme*. Vaidosa, julgava-se a fada do fogo e era a chama do pensamento. Nietzsche criou o superhomem eu encontrei já feita a *surflamme*.

A minha casa ficava na esquina da *Place Sainte-Geneviève*, ao alto duma rua íngreme e tortuosa, do tempo estreito dos prebostes. Dum lado havia assim todo o luxo esplêndido dos séculos, do outro a sombria poeira que levantaram passando. Face à montanha do *Panthéon*, de cunhais babilónicos e alta tiara de colunas, alcandoravam-se, em rectângulo, a torre grave de Clovis, a renda gótico-florentina de *Saint Etienne du Mont*, a Biblioteca dos Genoveses, de frontaria plàcidamente conventual, escola, *mairie*, e prédios altos — armazens de gente.

Durante a noite, a praça dormia em pomposo silêncio, raramente quebrantado. Debruçados à janela, nossas cabeças a tocar a péle de fera, mosqueada a fogo, do céu nocturno de Paris, a *Surflamme* e eu muitas vezes devaneavamos. Ela passava-me o braço tépido em torno do pescoço, e sentia-me como que ancorado no mar largo e calmo do inconsciente.

— Quando olho lá para baixo — dizia ela — e vejo tanta casa, tanta luz, tantas sombras, figura-se-me que estou num píncaro como aquele onde o Diabo conduziu Jesus-Cristo. E também me sinto tentada.

— E quem é o tentador? Paris?... Eu?...

— Mas ninguém. Sinto um não sei que me tortura e me leva para longe de mim. Mas o que é e para onde é, ignoro-o.

— São mil almas que crescem na tua, Hélia.

Sorriu e beijando-me respondeu:

— Talvez. Como seria bom ter mil almas!

— Quantas me darias tu?

— Dava-te... dava-te quinhentas...

— E as outras?

— As outras iriam por Paris, pelo mundo...

— Que rebanho feroz!

— Não; iriam pelo mundo fazer boas obras... ver... gosar. Umas ficariam na aldeia entre as flores e as árvores, as outras visitariam a Índia, o Egipto, o Papa... o teu Portugal, sei lá. Não era lindo espalhar-se a gente?

— Sim; mas eu se tivesse mil almas fechava-as comigo à chave. Nem um instante uma só andaria à soltta.

— Ah!! E porque?

— Porque então era eu tão forte, que a glória desta praça, ao pé de mim, seria uma sombra fugaz.

A *Surflamme* quedou-se a olhar-me e proferiu:

— Assim és ambicioso! Vale a pena sê-lo?

— Vale; no caminho das ambições há semeadas voluptuosidades sem conto. Imagina o que é marchar para um fim e ver-se a gente aproximar palmo a palmo! Mas esforçar-me-ia por nunca chegar à meta, para que o encanto não fôsse desfeito... Só as âncias diferem, porque os triunfos, esses, valem-se.

— Eu não faria como tu... Que horror ser escravo dum destino!

— A fonte mais pura do prazer está no sofrimento.

— Oh! a minha dor não é — como dizes tu? — não é metafísica.

Tornei-lhe os beijos que me dera e acrescentei:

— Sente-se então tentada a minha pequenina, ouvindo resfolegar Paris?

— Sim, sim, mas não sei por quem! É isso que me transporta, essas coisas grandes, o *Panthéon*, Paris encarado daqui como um só corpo e uma só cabeça... Os pequenos nadas tão lindos, *Saint-Etienne*... uma quiméra adormecida... Parece-me que não vivo em mim, mas fóra de mim, em todas essas coisas minúsculas e grandiosas... O meu gosto seria fundir-me nelas.

— Fóra de nós não há pequenos nem grandes; há ilusões.

— Ilusões que sentem e falam.

— Ilusões, antès, com que quem sentimos e falamos.

— Existem elas?

— Existem; existem na necessidade que há em dar-lhes corpo.

— E quem criou essa necessidade?

— A vontade. Todas as coisas são irradiações esparsas e harmoniosas desta fôrça. A vontade criou a ilusão e repartiu-a em formas, como uma loba distribui inteligentemente as tetas pelos lobinhos.

— E vontade o que é?

— O que é? Puh! Uma superilusão.

— Se tudo é ilusão para que desejas?

— A existência dentro da ilusão é tão grande como dentro duma realidade pura. O que é preciso é iludir-se a gente na ilusão e não se abandonar às ilações dêste princípio, escorregadio como despenhadeiro à beira mar.

A *Surflamme* ficou pensativa, de olhos sôbre as virgens e os evangelistas de *Saint-Etienne* que dormiam a sôno solto na sombra diafana do pórtico. A alta torre medieval perdia-se, misteriosa, na escalada do céu nocturno.

— Qual é pois a melhor vida? — preguntou.

— Todas as vidas se igualam, em essência, à face da grande ilusão. Onde elas divergem é na forma, a forma que engana os olhos e os espiritos. Tu, minha amada, és o inconsciente; amas as coisas pelas coisas; eu amo-as por mim. Eu conheço a ilusão, iludo-me e iludo. Para ti tudo é verdade, e gozas o descansado prazer de senti-la; para mim tudo é forma e mal experimento um tenui prazer em compreendê-la.

Os campanários batiam às vezes a meia noite sôbre o nosso devaneio. Era a voz que acordava a *Surflamme* do torpôr, chamando-a à vida. Cinco campanários falavam a linguagem variada das almas. As badaladas de *Saint-Etienne* eram como que um apêlo de mulher ao goso, cristalinas e febris; nos *Bernardins* os sinos bradavam numa voz imperativa de prégador; e, no éco demorado, pareciam repetir o *memento homo* das fragilidades terrestres. A sineta da Sorbonne ria como Democrito. Com enfado falava ao presente a torre de Clovis.

O meu *eu*, retesado como um arco de flecha, amolecia; o tempo voava sempre e nós deixavamo-lo voar, não obstante as sentinelas dos campanários que nos diziam: Lá vai!

Ferida do gume da noite a *Surflamme* chamava-me numa queixa de gatinha; e eu caía a enrolar-me nos seus braços, emquanto, de fóra, o silêncio monstruoso da praça e o céu feérico da cidade me gritavam:

— Homem, concentra toda a Fé, todo o Querer, toda a Ilusão. Dobra-te sôbre ti mesmo e salta, dá entre os homens o salto brusco da onça!

. . . .

❦

❦ ❦

Eu, entretanto, arruinava-me a sangue frio, sem que a brutal lógica das cifras que o caseiro me expedia todos os mêses tivesse o poder de me cortar caminho. O meu viver com *Surflamme* prosseguiu no mesmo curso, cheio dos mesmos apetites e das mesmas dispersões. Ninette vinha ver-nos a meude, parecendo-me que tinha uma certa inclinação por mim. Um *béguin* filho, talvez, daquela deliciosa tára — que a *Surflamme* me revelou — de roubar os amigos às amigas.

Ninette era, ao contrário de Hélia, uma rapariga mimosa de carnes, moldada de quadril e de seios, sensual, duma sensualidade que eu via agitar-se-lhe nas narinas ao cabo dum jantar regado de vinhos velhos, ou duma passeata pelos campos. Ás vezes, ao pé dela, sentia a vaga formidável dum desejo selvagem e adamítico marinhar por minhas carnes e entontecer-me. A *Surflamme* tolerava-a porque não era loira, e tinha, com uma candidez de colegial, maneiras blandiciosas da gatinha impubere. Eu adorava a, porque me dava a exacta medida da tige e fina extrahumana da Hélia e porque as suas boas carnes ofereciam pasto á saudade que às vezes se ateiava em mim, dos troncos oiro-macisso das moças da minha serra.

Ninette habitava em *faux ménage* com um secretário *des Affaires Etrangères*, daí o referir-se às potências com o hábito familiar com que aludia a *Josephine*, a *Julie* e outras damizelas da sua roda

Todavia, nos raros apartes que tinhamos, contava-me coisas de estarrecer, a pontos de descobrir uma significação brejeira para as alfinetadas que a *Surflamme* dera na tela de Henner. E eu mais simpatisei com ela por esta duplicidade que desdobrava em serpentesinha perversa e atilada a linda rapariga de boas manhas.

A nossa vida seguia um roteiro monotono e regular, com peregrinações pelos museus, galerias e velhas igrejas, e jantarinhos nos bosques, ao domingo, como parisienses de lei. Hélia era a sempre mesma *Surflamme*, apenas mais turbulento o seu instinto contra a medida que rege finito e eternidade.

Á noite iamos a concertos e teatros, se não discorriamos por *cabarets* onde se berra a Revolução e há cabeleiras intensas de poetas e bardos a admirar. A minha amada ardia ao canto profético de Xavier Privas e toda se derramava ás imprecações de Montehus. No *Caveau du Cercle*, caiu apaixonada do belo Alfred duma paixão que durou uma semana e de que ignoro os lances. Estava-lhe na indole continuar a dar se pelo prazer, apenas, de se dar e em virtude do seu papel transcendente de difundir voluptuosidade. Ninette, que lhe penetrava o sentido de cada olhar, fitava-me com ar de dizer:

— Você sempre me saiu um môsca morta!

Mas eu perdoava, porque o que é preciso é cada um cumprir dignamente o seu mister. A *Surflamme* afadigava-se a cumprir o seu, que era de distribuidora de delicias. Que podia eu opôr lhe? Cabia-me o direito de torcer a sua sina?

Nêste ponto Ninette era inferior, Ninette que desempenhava mal de serpente, disfarçada me querubim.

Numa das tardes tristes e gris do outono, quando no Luxemburgo as folhas vôam, são únicas azas que se veem voar, recebi a visita de de M.me Pothier e de M.lle Pothier, respectivamente mãe e irmã da *Surflamme*.

M.me Pothier afivelara um ar de circunstância que notei logo ao abrir da porta. Era uma loiraça de 50 anos, rija, nada *pot-au feu*, tipo desta dona francesa que tem um amante, ou vários amantes que jogam com o marido o *zanzibar;* Angela uma rapariga alta, tipo *Bar Olimpia*, cheirando a léguas de distância a liberalidade das suas graças.

No meu gabinete, à sombra dos chineses sardónicos, teve lugar o conciliábulo. M.me Pothier pigarreou, cilhou as mãos sôbre o ventre e, num silêncio recolhido, proferiu:

— Senhor Hilário Barrelas, não sei se vou ser importuna...

— Por amor de Deus...

— Serei... mas que remédio! É o meu dever de mãe. Tenha a bondade de desculpar...

— Minha senhora, sei com certeza que não haverá azo para desculpas...

M.me Pothier ageitou-se mais confortavelmente na poltrona e volveu em tom dulceroso

— É a minha obrigação zelar pelo bem estar de minhas filhas, não é verdade?

— Não sofre dúvidas.

— Olhe, teem sido a minha consumição. Louvores a Deus, Angela está em vésperas de se colocar e muito bem. Um senhor rico e considerado... Talvez tenha ouvido nomear? Mr. Marfaing...?

— Não.

— Mr. Marfaing, que é da *Ligue Nationale Contre l'Alcoolisme* e cavaleiro da Legião de Honra...?

— Não me recordo... Sou um desmemoriado.

— Já veio o retrato dêle no *Soleil*. Pois Mr. Marfaing e Angela *c'est une affaire entendue*.

— Os meus parabens.

— O sr. Barrelas fica desde já convidado para a boda...

— Com muito gosto. É para breve o casamento?

— Angela, quando há de êle ir lá a casa pedir a tua mão?

— Mas um dia dêstes, mamá, já te disse...

— Um dia dêstes. E vê, foi um homem que se enamorou das virtudes de Angela porque minhas filhas, senhor Barrelas, se não são formosas nem ricas, tiveram muito bons principios..

— Salta aos olhos da cara.

— Muito obrigada. Agora todos os meus cuidados, deixe-me que lhe diga, são esta criança que o senhor prendeu e lhe vota uma paixão de morte.

— À qual correspondo...

— De certo. Eu sei quanto o senhor a estima, porque ela para mim não tem segredos. Mas olhe, amor, amar passa a vapor, ainda mais com moços estrangeiros que hoje estão aqui, ámanhã no cabo do mundo. Não quer dizer que eu duvide do seu carácter, senhor Barrelas, não. Como mãe, queria apenas preguntar-lhe o que pensa do futuro da minha Hélia?

— O que penso? Penso muito bem. E o que pensa ela, sua mana e sua mamá?

— O que pensamos? Olhe, a falar-lhe franco, sr. Barrelas, nós pensamos que se Hélia é farta e mimosa hoje, amanhã pode não sê-lo.

— Sim, há contingências...

— Pode não sê-lo, porque basta o sr. deixar Paris...

— Não penso nisso.

— Mas pode ser obrigado a fazê-lo?

— Posso.

— Que faria então de minha filha?

— E que faria Hélia nessa conjuntura?

— Sr. Barrelas, vamos ao fim: se ama minha filha como ela o ama, porque não há de assegurar-lhe o futuro?

— Heim?

— Porque não casa com a pobre criança?

Fiquei um momento hesitante sôbre se devia socorrer-me do cinismo ou da franqueza. O cinismo divertir-me-ia até a porta da *mairie*, a franqueza levar-me-ia a despir a luva branca que me protege das mãos incardidas. Optei pela resposta eclética:

— Mas, minha senhora, eu sou celibatário por princípio e pela fôrça das circunstâncias. Em princípio, porque o casamento não resolve o problema da felicidade para ninguém; pela razão do momento, porque não estou em estado financeiro de casar. Tenho a fortuna comprometida como é fácil reconhecer...

Joguei então com as cifras que o caseiro me expedira, empilhadas sob o pesa-papéis; fui persuasivo e patético. E senti o sumo deleite de ver rebolar uma lágrima nas faces da mamã, rendida ao meu silogismo final.

— Que conta fazer?

Tive, então, num encolher de ombros, uma frase esbelta, de capa e espada, que lhe fez tremer as entranhas:

— Devorar o resto e queimar os miolos.

— Ai e minha pobre filha?

— Sua filha, minha senhora, é muito formosa, muito virtuosa, muito prendada para não encontrar um partido como M.lle Angela.

— E o tempo que tem perdido com o senhor?

— Minha senhora, quando sua filha pôs os pés nesta casa não contraí compromissos. Aqui dentro há o valor de 35.000 a 40 000 francos. Só aquele chinês, que está ali decima do piano a rir da gente, vale o que peza em oiro. É tudo dela.

Calou-se a boa matrona e acabei de sossega-la, quando, após me haver convidado a assegurar-lhe a posse num tabelião, prometi todas as escrituras desta vida e uma saudade eterna lá no alto.

Mal a mamã e sua odorífera menina retiraram, correndo a enroscar-se-me ao pescoço e roçando-me a face, a *Surflamme* miou:

— A mamã é tôla, dize! Meteu-se-lhe em cabeça casar-me contigo e, pronto, tiveste de sofrer a carraça. Não a mandaste pentear macacos, mas levou as mesmas voltas. Bem fazes tu!

Sorrindo, a beijei, e, mergulhando a distância os olhos nos meus, me tornou ela:

— Não estás arruinado, pois não?

— Não, meu amorzinho.

— A mamã é tôla... Julga-se muito esperta!

Hélia beijou-me, abraçou-me, arrastou-me para os seus braços e, perante aquela entrega à minha malícia manifesta, amei-a, amei-a. Era alguma coisa a ternura de Satanás rendido à fragilidade confessa da devoção feminina.

Chegou o inverno e tive que comprar martas, zibelines e lontras para a *Surflamme*, todas as samarras sedosas e complexas com que a parisiense prefaz a sua entidade de felino. Nos parentesis da voluptuosidade, ouvia os brados desesperados de meus boieiros. E a voz interior dizia-me: quando darás tu o salto de onça entre os homens?

A *Surflamme* continuava a sua missão filantrópica de amorosa. M.me Pothier mandava-me perguntar todos os sabados — dia do balanço — quando lavrava o bem da alma a favor de sua filha.

Ninette, como a essa data houvesse azafama contra o turco nos «Estrangeiros», visitava-nos freqüentemente, passando às vezes dias seguidos ao nosso lado. Reconheci que vinha por mim e não pude impedir-me de lhe agradecer, pensando em suas graças de Venus Calipigia.

A grande meiga emergia, de olhos floridos e seios trémulos, da inexperiente cóbrinha. A *Surflamme* andava muito longe para reparar no que se passava à sua sombra. E eu tampouco poderia corresponder ao interêsse da criaturinha, denunciando-a.

Ninette, uma tarde, surpreendeu-me em casa, onde ficara sósinho a ler Tibulo, o meu enlevo. Foi tímida, desastrada, quási ridícula. Torcida a um canto como uma jovem que acabasse de desem-

barcar da província, falou-me — em vez do baile em casa do Prefeito — da Palestina e do *Coup* de Bagdad. Estas coisas eram-lhe tão actuais, como para os *concierges* o cordão das campainhas.

— Ninette — disse eu bruscamente — está convidada para minha madrinha de casamento.

Rompeu às gargalhadas.

— Aceita, claro?

— Casamento... Com quem?

— Ora com quem... Com a *Surflamme*.

— Puh!

— Sabe, Ninette, estou a estragar o futuro da pequena...

— Ah! ah!

— Devo-lhe esta cerimónia. O casamento para mim é uma cerimónia.

— Deixe se de mangar.

— É certo, e faço-o porque sei que o casamento valoriza a mulher que não é rica e que não é feia. Uma vez casada, a *Surflamme* encontrará facilmente o amante ideal, um segundo bom marido, porque a seguir divorciamos...

— Que razões...

— Encontrará, mesmo a pouca distância, o marido rico e o amante modelar... E porque? A atracção do fruto proibido, Ninette...

— Deixe-se de graças, sr. Barrelas.

— Mas estou decidido.

— Ora...

— Acha que ando mal?

Encarei-a de frente, olhos nos olhos, com toda a seriedade que poude reunir. Ela fito-me, e ásperamente, o coração estalou-lhe:

— Está doido; com uma faniqueira?

Puxei a para mim; deixo-se enlaçar, beijar, amar, sem um sôpro de resistência, agradecida, meio sonâmbula, como uma amante que de há muito conhecesse os meus abraços.

A *Surflamme* irradiava a propósito de tudo, por paixão, por piedade, por desfastio, porque o seu mister era distribuir-se como o sol.

A sua última aventura salpicou-me de deselegância e eu reconheci, pela primeira vez, o valor eficiente dos preconceitos. Ao pé de nossa casa, num terceiro andar, quarto alugado, vivia um rapazote que todas as noites se mostrava à janela a cantar a *valse brune*..

Era — soube-o mais tarde pela porteira — marçano num grande armazem de sêcos e molhados. Via-o sempre só, triste, traí do a tristeza nos trémulos da garganta, que faziam chorar a noite:

> C'es la valse brune.
> Des chevaliers de la lune...

Êle não tinha uma *chacune*, como dizia a canção, e aquela expansiva orfandade causava-me pena. Hélia escutou, uma noite de lua cheia em que os evangelistas de *Saint-Etienne* se viam a bemdizer a a Deus, e disse compassivamente:

— Coitadinho!

Eu repeti compassivamente:

— Coitadinho!

Um domingo que a minha amiga saira muito cedo a visitar a mamã, enxerguei através das persianas rôtas do quarto alugado um corpinho de Gerôme perpassando. Rendi graças à *harmonia preestabelecida* que mandara uma ternura ao melancólico trovador. E, momentos decorridos, tive de acrescentar com santo Agostinho: *Et qui erat quod me delectabat nisi amare et amari!* Através das persianas indiscretas da mansarda, identificara a *Surflamme* na silueta branca que passaritava.

Mas o braço quente da minha Eva enroscava-me no inconsciente, e eu inteiro adormecia como um lobinho entre as tetas duma ovelha.

Num dia nostálgico, de céu a pingar lama, veio Ninette a rogo meu. Achei-a luxuriante como uma magnolia no tempo dos ninhos.

— Hélia? — inquiriu.

— Foi vêr o avô à parvónia.

Tirou o regalo, tirou o chapéu, tirou as luvas, já nada ridícula, já nada desastrada. Dei-lhe a ler o meu bem de alma.

«Héliasinha, quando os teus dedos rasgarem êste envelope, estarei muito longe da *Montagne*

Sainte Geneviève. Não te levo comigo porque tu és tão indispensável a Paris como o Sena e a Grande Roda. Mas nunca eu irei tão longe que, olhando para traz, não veja o luar que semeaste na encruzilhada de nossos caminhos. *Surflamme* pequenina, gosa, ri, continua a deixar-te engulir pela vida e serás mais feliz que eu. eu que bebo a vida pelo copo turvo dos absintos. Aí ficam, como écos do que passou, êstes chinezinhos sardónicos, todas as virgens góticas pasmadas, e o piano, numa tecla do qual a tua *Petite Boiteuse* coxeava. Sê a alegria dêste Paris, de que milhões de almas desde a alma divina de Sarah à alma do pequeno marçano de Félix Potin (o *da valse brune*) fazem um monstro adorador e adorado. Um beijo do Hilário.»

— Então? — interrogou Ninette.

— É para já a partida.

— Para onde?

— Berlim, Roma, a Grécia... Havemos de ver.

— E sósinho?

— Não, com uma rapariga adorável, forte como uma coluna do *Pantheon*.

O carregador veio buscar as malas. Peguei no chapéu e na bengala e disse:

— Vamos, que o trem é às 10,5.

— Vamos! vamos, quem?

— Quem? Nós ambos, Ninette.

Beijei-a na bôca, amontoei-lhe a *toque*, as luvas e o regalo sôbre os braços.

— Assim não; assim não se toma uma decisão tão grave.

Empurrei-a para o taxi-auto, passamos pela *concierge* de Ninette, e, às 10,5 tomava-mos o rápido para Berlim. Na noite seguinte estava-mos na Friederichstrasse. Altas horas, Ninette dizia-me:

— E a *Surflamme*?

— ?

— Beberá lumes prontos em champagne?

— ?

— Moinará com o empregado de Félix Potin?

— ?

— Continua a galderiar?

Amei Ninette 24 horas. Ela amava-me muito por mim e infinitamente por si. Amava-me como se ama *em verdade*, dum amor directo e inquebrantável. Ninette era Ninette.

Andei pela Itália e pelo Egipto, arrastando a esbelta rapariga que os homens me cobiçavam. Debalde implorava a Ilusão infinita que me iludisse. Provara a peçonha da *Siência* pela mão da *Surflamme*, e ficara envenenado. Receiava a cada momento que o meu *eu* estoirasse, desabusado. Porque as coisas, os seres, a fragrante Ninette apareciam-me sem o véu da ilusão em seus esqueletos hediondos.» H. B.

AQUILINO RIBEIRO.

(Da recolição debaixo de prélo do JARDIM DAS TORMENTAS, sensivelmente modificado).

Nas Dionysiacas

Num bater de azas assustado, — apenas
Soou perto o rumor da theoria, —
Em direcção á Acrópole, radia
Um vôo de pombas, derramando penas...

Destas, caindo, alvissimas, serenas,
Trêmulamente, pela casaria,
Se o céu não fôra azul, alguem diria
Que era o explendor da neve sobre Athenas...

Mas, emquanto donzelas vão passando,
De folhas de hera e pâmpanos coroadas,
Nos frisos do Parthénon poisa o bando...

E, ouvindo os seus arrulhos, comparei-o
Aos meu beijos — frementes revoadas
No mármore divino do teu seio...

CANDIDO GUERREIRO

Cortez Pinheiro (?)

DIOGO DE MACEDO
"ESCULTURA"

PELO TEJO

O Tejo estira um braço, por entre os salgueiraes, onde uma pequena lancha me conduz a remos. E' uma tarde de agosto. O sol declina e a aragem fresca arrepia a corrente da maré que enche.

O velho *tio* Gonçalo, remando sempre, conta uma velha historia dum temporal na pesca. Sentado á ré, mal o oiço: o espectaculo da côr desvia-me para o sentido da vista toda a sensibilidade receptiva...

O verde dos salgueiros debruça-se, na ramagem de folhas esguias, sobre a superficie placida do rio, namorado de si, como Narciso. O sol declina mais, enfraquece a luz: é mais escura a sombra da margem esquerda e á medida que o sol se desce, o espelho das aguas pincela-se de tonalidades fuscas de nankin...

O *tio* Gonçalo callou-se. Oiço apenas o espadanar dos remos. Atravez dos salgueiros, os raios do sol que a ramagem tamisa, salpicam de poeira de oiro a côma verde dos mouchões; aqui e alem o espectro solar decompõe-se: e a vista abrange, numa sensação de deleite, toda a vegetação polychroma dos effeitos...

Dobrada uma curva, entro na Valla-Nova que conduz ao canal de Azambuja, ja sob o clarão do crepusculo. A maré enche ainda. A lancha voga e o luar começa a romper. Só oiço os remos e o ruido das fataças que saltam irriquietas, num espirrar continuo, até onde a vista pode aperceber-lhes o vulto, animado pela velocidade do salto. O som dos chocalhos fende, por vezes, o silencio da Leziria...

Agora é no luar que toda a paysagem mergulha: e os salgueiraes, á minha direita, curvados como pagens, inclinam-se á passagem do manto prateado da agua, manto colossal do rei Neptuno da mythologia pagã...

A' minha esquerda, a margem é mais nua e diviso a planicie das restevas que vae até á linha ferrea; para alem desta, sob o scintillar das estrellas, a linha quebrada dos montes e outeiros esbate-se, na ancia de tocar a abobada...

Oh! Tejo inspirador de Camões! Oh! paysagem soberba do Ribatejo, tão querida do lapis de Bordallo, onde os meus olhos começaram a ver! Oh! belleza captivante e merencoria da noite, povoada de duendes, quando o Tejo é todo uma escama de prata e a Leziria um vasto lençol de linho cru! Eu vos bemdigo! Que a benção de Deus caia sobre os campos ferteis! *Amen. Per omnia seculo...*

Do livro «Antiscios» em preparação. MOTTA CABRAL.

NATUS EST JESUS...

(ILUMINURA DUM VELHO MISSAL)

I

Um pórtico, ao entrar duma «vila» arruinada,
«vila» dalgum patrício exilado ou ausente,
dá p'ra um colunário em volta a um átrio assente
sob um ceu oriental de cúpula estrelada.

Num recanto do átrio, em palhas reclinada,
uma criança dorme e sorri brandamente;
á sua beira, a mãe, perfil suave e crente,
como em adoração, imóvel, ajoelhada.

Olhando a mãe e o filho, há ainda um homem novo;
pasmado e surpreendido — alma rude do povo —
ageita a palha a um, sorri à outra afável.

Aquece um boi c'o bafo o menino deitado;
e um jumentinho, atrás do berço improvisado,
compõi a iluminura ingénua e adorável.

II

Nisto, fulge no ceu uma estrêla mais clara;
apeiam-se ao portal três moços cavaleiros;
segue-os um esquadrão de pagens e guerreiros;
trazem diadema e veste estravagante e rara.

E emquanto cada um dos três reis se prepara
para dar a Jesus seus presentes primeiros,
— oiro em dobras, incenso e os mais suaves cheiros —
baixa ali seu clarão a estrêla que os guiara...

Batem anjos na sombra as asas silenciosas;
num roseiral silvestre abrem-se a mêdo as rosas
e até o arrulhar dos pombos bravos cessa...

Parece que adivinha a sábia natureza
que naquela criança, humilde e indefesa,
expira o mundo antigo e outro mundo começa...

M. CARDOSO MARTHA.

METADE

Chega a noite. E o dia não passou
Inda todo p'ra lá, compreendido.
Só metade das coisas faz sentido
E o resto é pouco, ou muito, ou não chegou.

O cerebro é pequeno, — ou desmedido,
Porque nada está lá como eu lá estou.
Ha sempre alguma coisa que falhou
E é possivel até eu ter falido.

A maior posse não existe. Pois
Não ha desejo que não quebre em dois
Nem sonho que não morra insatisfeito.

E sendo isto uma volta sincopada
Sem mais outra certeza, sem mais nada,
Pode-se lá saber o que é perfeito?

LUIZ MOITA

Mario o láico

ESTA dura Existencia sem os prudentes já me parece uma coisa muito sofrivel; um pouco mais de loucura, e faz-se a gente uma creatura divina!

Amo os que amam a Vida brutálmente, os que se atiram ao «existir» de cabêça para baixo, isto é: bem apaixonados, bem desastrosos, — porque seguindo a sua maior vontade despresaram uma infinidade de pequenas vontades.

A Vida «oceanisa-se»; de modo que marchar ao encontro da Vida, passar-lhe por cima em logar de a deixar passar — é virtude de tóninha, é saltar fóra da agua como a tóninha!

Tornemo-nos superiores ás conveniencias, porquanto só os mesquinhos procuram a felicidade das conveniencias!

A Existencia é uma amplitude de cada vêz mais larga, de cada vêz mais gostosamente amarga; — que importa, portanto, a felicidade? Ela não é existente, é consequente: não devemos procurar a felicidade, que resulte a felicidade do que se procura!

Procuremos o destino da maior ancia: a maior ancia deve sêr o maior destino; e se a minha maior ancia fôr de ladrão, porque não hei-de seguir o destino de ladrão?

A vontade que mais fala ao coração essa se chama a propensão saudavel.

— Coragem! nem lágrimas, nem rógos, nem justas razões te desviem da propensão saudavel!

Projecta o teu perfil na Auróra; que importa que te vêjam négro do lado de cá, se a tua fronte é d'oiro do lado de lá?!... O Destino resgata o destinado, a Vontade liberta o voluntariozo!

— Qual a suprema aflição dos defensivos?... — O horrôr á Morte! — Não é a indecifração do misterio do tumulo, é o receio da perda de nutrição! — Perguntam-se a si-mesmos em tempo de Morte: — «que é isto, meu Deus, que acontecicimentos?!...» — e agasalham-se mais!

Adeante, amigos, á conquista duma biografia!...

Quando nos acontece alguma desgraça temos o sofrimento dum desgosto; mas se nos acontecem duas desgraças sofremos com isso desgosto e meio; quatro desgraças não valem dois desgostos... e assim por deante até que muitos não chegam a valêr um só. Infinitos nem se fazem sentir; a inercia é o movimento infinito!

De modo que muita desgraça não é nenhuma; tornaremos a bailar quando se matarem mil homens onde quere que nasçam mil e um.

— Antigamente, quando a Vida subia (hoje desce!) — O que era a Dôr?...
— Era bailar á roda dos cadáveres empunhando pandeiros!

Hoje gosa-se com ancia a luxuaria das chagas, e o prazer decandente da saudade faz a sua invasão sem resistencia, invasão deploravel, viciosa!... Refinam a luxuria da propria Dôr afirmando que não é luxuria, é Dôr: o prazêr requere para sêr completo não sêr reconhecido como prazer: o conhecimento diminúe a intensidade! Ai que sensualidade nos prégadores contrarios á sensualidade!... são sempre agradaveis esses sermões contra o onanismo, tanto mais que o onanismo, tambem é agradavel!...

O Defensivo dum rêgo faz um rio, porém, para o Ofensivo não ha rêgo nem rio.

Quando tornaremos a bailar empunhando pandeiros?

Só a Doença deformou o Homem no sentido do exagêro das qualidades! E isto foi, desde que entrou a esconder-se da face do Sol, e a procurar a sombra dos mosteiros! A casa é o exagêro dos sentimentos, vicio da memória! A minha tristeza, a minha saudade, qualquer coisa de dôce perdição, vicio da memória! Recúa, sensibilidade doente, deixa vir o genio dos advinhos!.. recúa e vem!...

Nos interiores faustosos da civilisação sonha-se uma existencia além do real: é o producto da sombra, é a excitação do nevoeiro!

O Homem moderno encerra a cabêça em o escuro da alcova e presente a luz por remeniscencias ancestraes.

A propria memória deveu principiar no homem vêsgo, na visão do objecto onde o não está; a inteligencia, treino da memória, nasceu por conseguinte, da vista torta!

Escondidos do Sol, no escuro da caverna, creámos encenações do escuro; megalómanos da Historia, d'olhos fechados, existimos religiões, progressos, mundos, — creámos encenações do escuro!

O Mundo gerou-nos, e nós, os gerados, gerámos mil mundos á roda do Mundo!

O Homem não persiste só, tem forçosamente que crear os seus espectros: da superstição fez o dogma religioso, da matéria o dogma scientifico! Proclamou «real» o invisibil, e «irreal» o visibil; foi a passagem visual d'aqui para além; a inteligencia nasceu da vista torta!

A inteligencia veiu complicar as coisas mais simples; de modo que para percebermos as coisas mais simples necessitamos cada vêz de maior inteligencia! Assim se tem desprendido da terra grosseira, e assim se tem tornado em terra supérflua; — a que novos astros irá desfeito em poeira?...

O mesmo bicho, nós, eternamente o mesmo bicho a roer do mesmo modo

a mesma casca... vagarosamente a mesma casca! Haja cá por baixos progresso, mundos, que vistos de cima são vagarosamente o mesmo bicho!

Que ha na Vida que nos faça sair desta carcassa, destes quatro membros e um focinho? um rapaz é rapaz como todos os rapazes hontem e hoje!... Não ha que fugir, hontem e hoje! Somos vagarosamente o mesmo bicho!

Mas á nossa engenhosa excitação principiamos a chamar *obra divina*; — com esta designação que era obra humana nos chamavamos a nós proprios obra divina! Não era justamente por sêrmos a negação de cousa divina que a nós proprios nos chamávamos obra divina?! Não ha noção que não sêja a creação do seu contraste!

A religião é o tremôr do escuro da caverna, inquietação doentia entre o querêr alcançar e o não sêr alcançado. Para decadentes todas as predilecções se tornaram decandentes, — crueldade e horrôr á crueldade!

A decadencia do corpo foi o pecado original de toda a decandencia: aquele que excita o corpo, acabará por excitar tambem o espirito; no tempo em que os homens eram guerreiros, eram as suas religiões, religiões de guerreiros: veiu a paz e o vicio, e tornáram-se as religiões — religiões de vicio! Vicio é a creação de novos desejos com enganosa aparencia de necessidade; decadecia é essa mesma necessidade!

E do vicio dos sentidos, religião pagã, foi que Roma se tornou religião cristã!

— Os pobres cristãos, os pobres de espirito! quantos não apodreceram a carne da bôca com o fim de corromperem a saúde do gôsto?!... Este desejo era já um desejo corrupto!

Desde essa hora a sombra dos mosteiros e a pesada cruz infamaram a propria luz do Sol!... como se tornava duvidosa a Morte, e ainda mais duvidosa e angustiosa a Vida!

Mas á força de tender para a Morte acabou por morrêr! Hoje o que existe? — Uma reação para «destinção!» Por causa do «parece mal» meia gente anda atraz da outra meia... bem ou mal! O nosso semelhante procura a consideração dos que o rodeiam, e para isso, de cada vêz é mais... semilhante!

A vergonha é a maior vergonha do Mundo. Eu só acreditaria numa religião que fôsse mais antiga que os chapeus com que se cumprimentam as portas dos templos! Não me posso conformar com coisas tão proximas; não confundo o «Eterno» com a «ultima-hora!»

A Roma pagã elogiava os sentidos e morreu, quanto mais a que vae contra os sentidos! Como o Homem é cruel e dificutuoso! Porem a religião que corrompe os sentidos é já a creação dos sentidos corruptos!

Ah, meus amigos, «papámos» demais,... e hoje «papamos» as pistolas de chocolate com que se levaram adeante muitos heroes!

Enfim, a enfermidade vae a passar, já se respira, já se esfregam os olhos!...

— Acha-se a turba á boca d'outro abismo?... Ao menos ahi trabalham com ardôr o sangue e o instincto; no outro... falsificáva-se a Vida, era a morrinha!

Não falemos mais neles, os pobres cristãos, os pobres de espirito; — Principe e artista, ofereceram-me um dia a glória de Jesus: — num gesto de contrariedade desviei os meus olhos!

Delirios religiosos de toda a casta, é tudo isso fraquêza, espécie de deficiencia, especie de morte... qualquer coisa do infame popular!

Eu só acreditaria numa religião que não nos obrigasse a acreditar.

Tenho o direito de abrir os olhos na tréva, — e antes abri-los e não vêr, que não ver por os ter fechados, — mas não tenho o dever de abrir os olhos!

Não vim ao Mundo para decifrar enigmas; — então isto é algum curso de charadas? Eu serei matemático se fôr matemático!

Quem não vê, ou é porque não vê, ou porque vê que não ha nada que se vêja; e ha sempre mais razão por o que se não vê, que propriamente por aquilo que se vê! A fé é o maior pecado dos deuses! Se alguma coisa de divino pode existir, ainda é a divindade dos que negam o divino!

Amo o que contradiz o Homem vulgar só para não estar com o Homem vulgar.

...Basta mesmo que um só estéja com Deus para eu sentir a necessidade de estar com o Diabo; o mediocre é o esteio de todas as crenças: Sinto, portanto, necessidade de voltar a cara. Todo o Homem que fôr três vêzes Principe, será trinta e três vêzes inimigo de Deus, pela grande necessidade de voltar a cára! Atravez das pupilas do Homem vulgar todas as coisas belas mudam de côr; Sinto, portanto, necessidade de voltar a cara!

Sêr elegante é sêr selvagem, — e abanar a cabêça é duplamente elegancia de selvagem!

Detesto o Passado porque amo o mais longinquo dos Passados; sêr elegante é sêr selvagem!

Vivo a creação da negação; não se consegue um verdadeiro tudo sem se passar por um verdadeiro nada; e o esquecimento é o mais salutar de todos os nadas, o mais salutar de todos os tudos! Bemvinda a hora das creanças laicas!

Todo o Salvador é velharia que só pode entreter os antiquarios!

Nós, os mais nobres, de ha muito nos consideramos orfãos da Terra; queremos vencer a estar ao lado dum acaso vencedor! o nosso carinho, a nossa infelicidade... como isto é bom!

Principe dos principes, minha existencia é amargurosa e bôa!

Em verdade M. S. é impio, é atêu, — é o negadôr, é o selvagem que a tudo leva a ponta do seu pé; — talvêz frio?!... é frio assim... como uma toalha de lágrimas!

Do **CÓDIGO INCIVIL**
«POEMA — MARIO SAA»

ALMADA
"TERAN"

CONTEMPORANEA

MUSICA

S. CARLOS

Depois da *Walkiria* o *Siegfried*.

A emoção no *Siegfried* desloca-se imensamente. Desta vez, excepção feita ao diálogo de *Erda* e *Wotan*, onde a voz d'aquela, parada, atónita, insinúa a «herança do mundo» numa tristesa tão infinita como o tempo, — todo o resto do drama é um grande acórde de alegria. *Siegfried* é a juventude com os seus direitos, com os seus optimismos, é a grande alegria de viver que não dá aso nem atende os sentimentos maus. Mime e Alberich, os niebelungos, — expressões da baixesa e da traição, do interesse covarde e recondito, resultam inofensivos, grotescos, são títeres movidos por desejos que se não vêm bem nem interessam, tanta e tão deslumbrante é a luz do sol que ilumina esse moço gentil da «Raça dos Wælsungs»!

Aqui todos os sentimentos se combinam, se enlaçam, formam a acordo tácito e salutar das grandes bonhomias. É o ponto mais alto da curva tetralogica; é o momento do zenith, longe que vai o destino impiedado de Siegmundo e Sieglinda. Passou toda a fatalidade irresistivel para dar logar à eclosão da natureza, á doce harmonia das coisas e das almas. É a hora deslumbrante em que o gosto se casa, tem nupcias com o ar, e o sangue e as folhas, e a luz e os passos, tudo é extacticamente um producto uno de Deus. *Siegfried* é o melhor elogio da obra divina, porque é a mais flagrante expressão d'arte em que se prova o genesis, o princípio do Amor, antes de começar a noite do Sabbat...

A alma de Siegfried, inocente do mal como do bem, é feita de valor e de virtudes. A força dos seus braços é tão confiante, logo na caverna de Mime, que trasendo um urso para amedrontar o anão, esse aparato resulta infantil e gracioso. *Nothung*, revigorado por ela na forja e na bigorna, é a espada defensora desse destino leal, que se ha de cumprir até á « traição pela magia ». Na floresta (2.° acto), essa força e esses braços distendem-se, esperguiçam-se, sentem o môrno torpôr dos desejos inexplicáveis, e a vontade é de gritar à vida a bendize-la, e nisso vai todo o « apelo do filho dos bosques », que a corneta de Siegfried entôa, o seu « amor à vida ». O « passaro » anima a floresta, dá-lhe a maior côr vital. E vendo Siegfried de braços abertos pelo anseio duma posse desconhecida até ali, não se sabe bem se a alma é início se receptáculo de tanta côr, de tanta orgia, de tão puro quanto ideal contentamento!

Ei-lo o heroe, possuidor do Anel dos Niebelungos, do Tarnhelm e de Nothung, quebrando a lança de Wotan para desencantar, no « encanto do fogo », Brunhilde, a walkyria adormecida, que o espera para grandes nupcias d'amor... Aqui a imaginação pergunta porque não ha de ser tudo assim, por este mesmo caminho ascencional, mas sem anel, sem tarnhelm, sem nothung... A resposta, tão verdadeira e humana como esta jornada, está na última delas, no *Crepúsculo dos Deuses*, que Sam Carlos não apresentou; a resposta está afinal na propria noite do Sabbat...

O « Idilio » é a expressão mais imorredoira do amor. É impossível realisar obra d'arte, seja de que natureza fôr, onde duma forma tão elevada se ascenda a humanidade e os sentimentos! Realisa-se aqui o extranho paradoxo da beatificação do erotismo, esse tremendo problema que afastou o Cristo da Grecia e que, já agora, torna inconseqùênte a vida moderna da religião cristã. É o momento mais agudo da 2.ª jornada tetralógica; não ha aspecto da vida psicológica do amor (refiro-me apenas aos sentimentos elevados) que não seja evocado na scena idílica, scena cupular de todo o drama, sua razão suprema. Dum beijo intenso Brunhilde acorda; Siegfrield que com a espada lhe arrancara a couraça guerreira, último síntoma da walkyria, compreende afinal porque tinha inconscientemente reforjado o Nothung, vencido Fafner, garrotado Mime. O « passaro » que humanisa o sentido dos « murmúrios da floresta », que o trouxera até ali, eis afinal que êle o compreende também. A vida é um ciclo que se pode ilimitar; todo aquele que ama cobra azas e o amor é o princípio melhor da liberdade eterna. Os olhos não se desprendem mais, Brunhilde sacrificou a imortalidade pelo « guarda da espada » e agora basta apenas amar porque os sentimentos e desejos, d'oravante, sucedem-se no mais agravado e salutar destrambelhamento. O amor sóbe aos lábios, a natureza é tálamo, e o resto é a benção de Deus, a grande incoerência dos fins e dos princípios, o começo do Mistério Único.

Sam Carlos levantou esta obra com um esforço nem sempre compensado. Assistimos a uma representação de efeitos heterogéneos, sempre que os intérpretes, alemães e italianos, se encontravam. Um diálogo ouvido em duas línguas, além de pouco artístico precipita a emoção de quem ouve, — e perde-a. Na *Walkyria* este ensejo deu-se apenas na 1.ª scena do III acto, — justamente a peor interpretada (a scena das walkyrias), porque as outras eram só feitas pelas primeiras figuras com intérpretes alemães. Parece-nos que consiste nesta lacuna a maior dificuldade de representar a Tetralogia fóra da Alemanha. Porque a emoção do conjunto é tão difícil de homogenisar, mesmo entre artistas bons, que, tendo nós visto em Sam Carlos o papel de *Mime* distribuido ao tenor António Prati, que o representou e cantou de uma maneira honesta e interessante, sentimos todavia a distância em que este artista latino colocava a sua emoção de personagem em relação a Kirkoff. Eram duas representações distintas, duas línguas, duas intenções que não se conjugavam nunca.

No 2.° acto a aparição de *Fafner*, quasi grotesca, é, por mal realisada, motivo de grande desalento na emoção conseguida até ali. Aquele monstro de páu com olhos de vidro e língua de latão não faz mêdo, faz rir. E que profanação rir-se a gente naquela altura! O combate de Siegfried em bastidores não corresponde à rubrica do drama lírico. O dragão trespassado, como Mime garrotado, morrem em scena e é o proprio Siegfried que os arrasta para fóra. Em Sam Carlos não se fez assim. As walkyrias já tinham vindo, na jornada anterior, sem cavalos. E ainda ha desegualdade na enscenação, porquanto a par destas inferioridades vemos com agrado o « encanto do fogo » nos terceiros actos dos dois dramas, por um processo nada mal realisado.

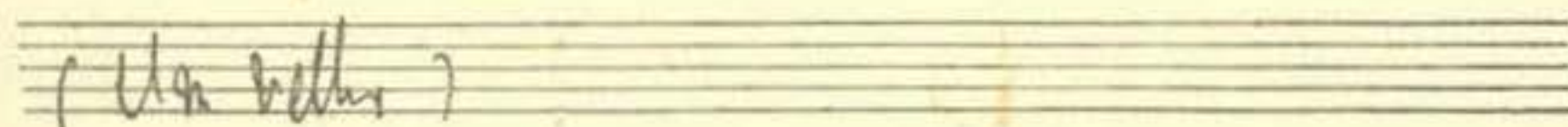
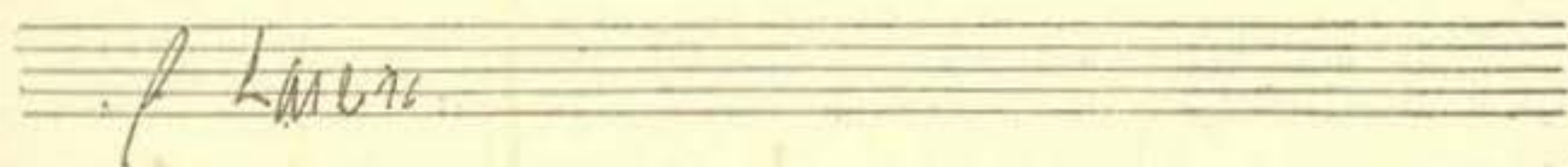
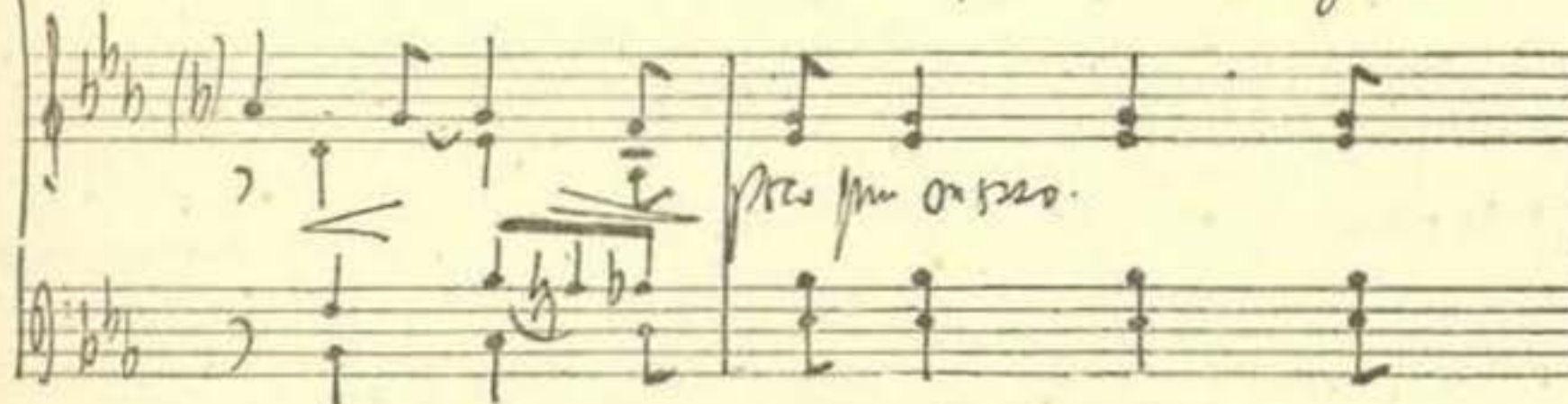
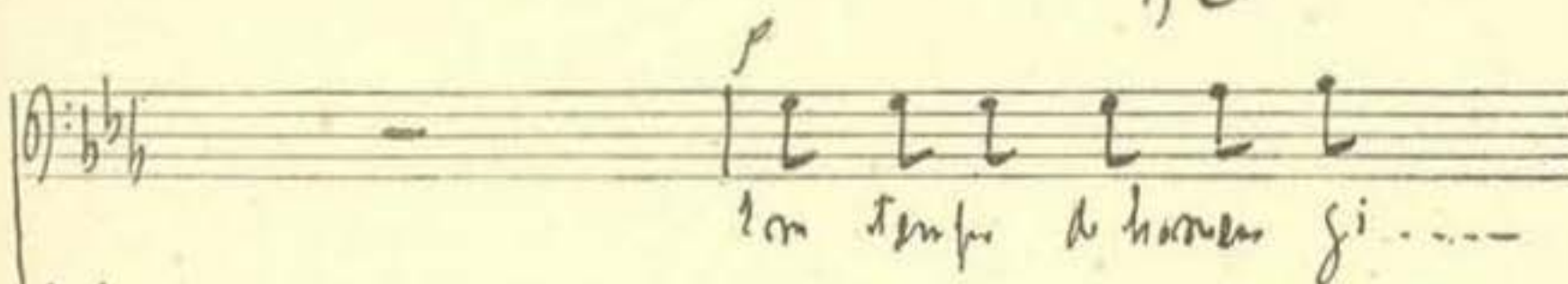
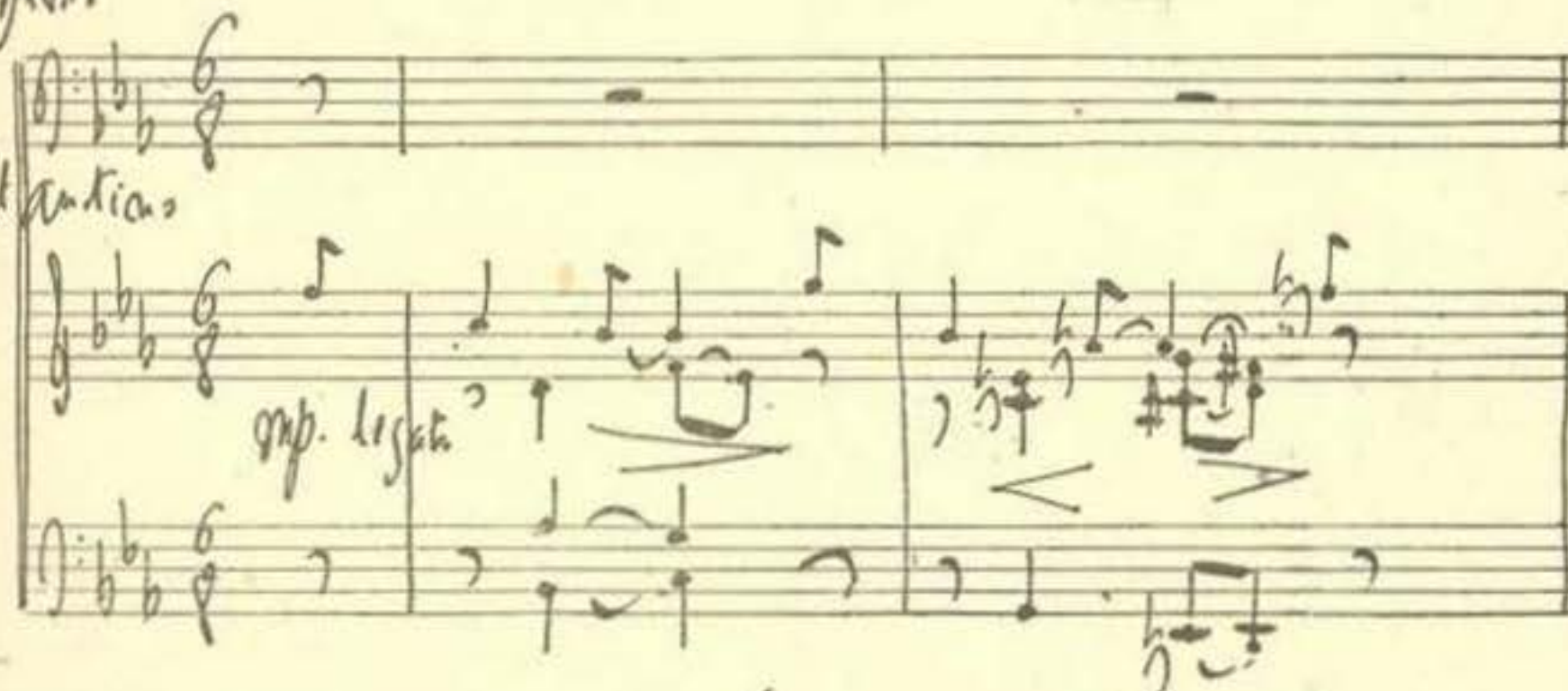
Walter Kirkoff muito a vontade, muito consciente, muito senhor do seu papel. É comunicativa sua alegria, vigorosa a expressão de contentamento na floresta, brilhante a sua voz formosíssima.

MANHÃ DE CERRAÇÃO

versos de

Antonio Correia de Oliveira

musica de

CLAUDIO CARNEIRO

Helena Hirn, com uma voz de volume tão caricioso, fez o «idilio» com muita honestidade. Todavia gostámos mais de a ver na *Walkyria*.

Georgio Bendix um mau *Wotan*. Não tinha imponência, nem voz, nem atitude. Não se explicava o walhalla por aquele intérprete.

Ebe Ticozzi (*Erda*) com uma voz grandemente emotiva. Naquela ascenção para o amor, esse canto saído das rochas fazia meditar, recuar um passo no entusiasmo assustado.

O maestro Ludwig Kaiser levando a orquesta com precisão e acerto.

A *Serrana*, de Alfredo Keil, passou este ano em Sam Carlos muito mal vestida, com indumentaria da Sicília ou da Calábria, numa grande confusão cosmopolita de russos, portuguezes e italianos.

A despeito de terem sido os córos muito bem cantados, faz pena ver realisar assim opera portuguesa. É um esforço que se não justifica e que não realisa nada artísticamente.

Ivan Ivantzoff muito entusiasmado com o seu papel de *signor don Marcello*. Stefan Belina menos popular, mas compondo o tipo, de cigarro na orelha. Pancada se-

guindo ao sabor do drama todas as rubrícas. O maestro Fabronni rebentando os acordes com espavento.

... Mas no fundo havendo uma falta, um não sei quê de precioso que sublinhasse as scenas portuguesas, talvez um poucochinho de verdade...

CONCERTOS

Viana da Mota tocou em Sam Luís 24 Preludios de Chopin. Resultou uma interpretação clássica duma obra romântica e doentia. Do qual paradoxo se póde argu-

mentar que o eminente pianista nem sempre atingiu nesses trechos a intrínseca verdade. O preludio 4, que algures apontam como a auto-psicologia do compositor, saiu errado. Viana da Mota tocou-o bem demais.

Todavia o 7, — a mazurka longinqua, o 9, — a imponente catedral, o 17, — das 11 horas, o 21, — da noite luarenta, foram dos que melhor se adaptaram aos dedos irrepreensíveis de Viana da Mota.

E' sempre igual o ilustre pianista. A *Toccatta* de Bach foi um trecho do ceu, tão simples, tão facil como a difícil e complicada imensidade do azul. Pregunta-se: onde ha mãos mais perfeitas, tão perfeitas?

A «Contemporanea», com o concurso de Alice e Maria Rey Colaço, organisou o seu primeiro concerto no Conservatorio. E resultou um interessantissimo recital de «lieder» e canções.

Alice Rey Colaço, figura estilisada, quasi doente, tem na expressão da emoção o maior auxiliar da sua voz. Ainda bem que os braços ficam sempre pendidos. E' a cabeça, é a boca, é o olhar, — sobretudo o olhar quem acompanha o seu canto imensamente casto e o arqueia pela intenção mais inteligente e elegante. Ha expressões da interessante artista que não esquecem facilmente e que foram, pelo menos para nós, a condução de toda a suave emotividade desse recital.

Primeiro que tudo, colocada no alto e daí para baixo, a «enfantine» *Prière du soir*, de Moussorgsky. A cabeça de Alice Rey Colaço não esqueceu um unico pormenor expressivo. Tudo nela concorre a essa doçura infantil da oração. E' a propria creança que resa pelos pais, pela avó doente, pelas tias, por fim por toda a humanidade. Da beatitude inocente dos sete anos ha na expressão de Rey Colaço a melhor virtude e a melhor bondade. A creança oferece a Deus a sua alma para que o mundo seja feliz. Que todos sejam felizes sobre a Terra e não haja mal, nem dores, nem o cansaço do bem. Que pena quando ela adormece e a cabeça de Alice Rey Colaço pende, que as palmas venham precipitar esse ambiente purificado por uma arte tão simples, tão infantil...

Ungeduld, de Schubert, é fresco como um botão de rosa. A cantadeira ama no amor as faces que estão viradas no céu. Neste «lied», com versos de Wilhelm Müller, ha os sentimentos da manhã, antes de vir o Sol. E' uma impaciencia sem desejos, uma impaciencia de correr pelo jardim fóra, atraz do arco e atraz do noivo. Ha no fim apenas um beijo, um beijo que se não chega a dar.

Colloque sentimental e *Mandoline*, de Debussy. Toadas verdes, dum entusiasmo gelado; são desenhos de Daumier, duma psicologia emaranhada, beijos doentes depois de mortos...

Das *Siete Canciones Populares Españolas* não vale destacar nenhuma. Ficam todas no mesmo *pañuelo d'añoranza*. Alice Rey Collaço não pretendeu sequer viver a Espanha. Pretendeu apenas canta la. A sua voz tomou apontamentos. Eram tão lindas as *Siete Canciones Populares Españolas!*...

LUIS MOITA

EDUARDO VIANNA
"POUSADA DE CIGANOS"

A EXPOSIÇÃO EDUARDO VIANNA

A recente exposição de Eduardo Vianna, marca um novo triunfo do seu instincto de colorista sobre os paradoxos da interpretação cubista das formas.

Não que o cubismo lhe não tenha sido util, porque não foi perdida a preocupação — que Viana lhe deve — de achar e equilibrar os volumes geometricos na composição e sintetisar, geometrisando ainda, a aparencia sensivel das formas.

Depois, o cubismo não é uma estetica sem tradições; tem precursores mais longiquos que o *impressionismo*, mesmo quando este se filia em Turner e Claude Lorrain.

Os primitivos do cubismo, foram a meu vêr — há quasi 20 seculos! — os *mosaicistas* bizantinos.

Com efeito, artistas de Byzancio, de Salonica e da Palestina, de S. Marcos de Veneza e de Ravenna, gregos quasi sempre, creados em tradições de estilisação que vinham do Oriente, da própria Grecia e dos centros helenisticos do antigo Egipto, encontraram-se deante do problema de compor — de geometrisar — com verdadeiros *cubos* de vidro córado ou faiança esmaltada, as grandes concepções da arte cristã primitiva.

Em esplendores de côr, de estilisação e de sintese linear, partindo do elemento geometrico já citado, esses cubistas de genio atingiram o mais alto poder expressivo da arte decorativa de todos os tempos.

Arte decorativa no sentido mais elevado da decoração, porque foram os mosaicos bizantinos — percursores dos vitrais goticos e dos frescos da Renascença — que historiaram a vida de Cristo e dos Santos, a magnificencia dos *Basilei*, e até as seduções duma Theodora. Marchetando as paredes das basilicas de ritmos decorativos e de policromia oriental, o mosaico foi o *verbo* de ouro da linguagem iconografica e é ainda o *espirito* que permanentemente se evola dos maravilhosos corpos arquiteturais, de S. Vital de Ravenna, Santa Sofia de Constantinopla e S. Marcos de Veneza.

Nas primitivas composições, as mais ricas como estilisação e côr, as atitudes e as formas repetem-se, não por pobrêsa de invenção, mas num

ritmo intencional de decoração, e as linhas obedecem á sugestão dos contornos geometricos que disciplinam e hieratisam os panejamentos e os gestos.

A infinita combinação geometrica das linhas, de que os arabes possuiram o segredo e que Bertaux comparava á *melodia sem fim*, são como os vitrais já citados, exemplos paralelos do mesmo espirito e da mesma ancia de transpôr, em sinteses absolutas, as particularidades contigentes da forma transitoria e fortuita...

No dia em que a Renascença comecou a despresar essa geometrisação e a *libertar-se* da disciplina dos cubos — que para o realismo dominante representava uma escravidão de formas barbaras — o mosaico passou a imitar a pintura mural e até o quadro de cavalete, corrompendo o sentido decorativo original e pervertendo o que fora o força e a nobresa da sua primitiva arte.

E desde então, mesmo elevado ás cupulas de S. Marcos pelas mãos de um Tintoretto, o mosaico caiu das alturas da estilisação na vulgaridade do naturalismo.

A arte contemporanea, tentou com meios diferentes, menos estilo e num espirito efemero de *modernismo*, o que o cubismo bizantino realisara com genio. Assim, depois de reagir contra a reprodução imitativa das côres — pelo *impressionismo*, procurou a quintessencia das formas no seu arcaboiço geometrico gerando o *cubismo*.

Se a rebeldia desta estética, iconoclasta dos dogmas, sorriu logo á independencia adusta e bravia de Viana, é justo reconhecer que o artista aproveitando o que a doutrina tinha de bom, não se deixou contaminar — nem tentou mistificar-nos — pelas estravagancias em que degenerou Salvou-o o *gôsto*, que é uma das qualidades supremas deste pintor, e a *sinceridade*, eterna fonte de juventude e de originalidade, e o seu instincto de *colorista*, poderoso e impulsivo, que de vez em quando zomba dos sistemas, e o restitui á expontaneidade das impressões, fortes e sincéras.

Assim triumfa a personalidade do colorista, cuja vivacidade de *touche* vibra nas claridades algarvías, nos barcos e na casaria do Douro, e fazem deste rio triste um rio de luz. E como não ser sensivel a essa nota (já ferida em precedente exposição) de tonalidades harmoniosas, que envolvem numa atmosfera de jade as brumas de Villa do Conde?...

Algumas paisagens, são construidas, — dir-se-iam *esculpidas* — por planos, largamente marcados pelos valores essenciais, com um despreso dos acessorios que mais intensifica os efeitos cromaticos. Os ceus, por vezes maravilhosos, laivam-se de transparencias fluidas ou enchem-se dum tropél romantico de cavalgadas de nuvens. Olhão, reflete no Algarve de aquém, o de além, e Viana, vê a sua casaria branca poisada á beira mar, como um bando de pinguins, banhados de luz meridional.

Só é para lamentar que o artista, nem sempre dê ás suas composições a amplitude que elas exigem, e as constranja no estrito ambito de tres palmos de tela, quando a visão decorativa que as inspira e a maneira larga

como as trata, lhe permitiriam elevar-se do aspecto pitoresco ás largas concepções duma arte maior. Verdade é que o gosto do publico e o escasso auxilio oficial, são talvez pouco animadores para estes empreendimentos custosos.

Nas naturesas mortas, morre de facto a naturesa, mas vive a côr e o gosto do artista, numa expontaneidade alegre, audaciosa e sempre decorativa.

O *retrato*, tem para Viana uma significação especial, e dá-lhe requintes de interpretação interessantes para os artistas. A personalidade do modelo, não a procura o pintôr traduzir na exata modelação da mascara, expressiva e realista, mas projecta-a sobre tudo que a rodeia, transposta em harmonias de côr, e fazendo da policromia estilisada do ambiente, como uma irradiação do espirito e do proprio sentimento do modêlo. Os acessórios perdem o realismo, por vezes banal, da côr natural das coisas e entram na sinfonia cromatica, como acordes duma harmonia expressiva. Assim o ambiente envolve e exprime o modelo como a emanação dum *médium*. Não é já o *cubismo*, é o *espiritismo*...

Para alguns dos seus admiradores, Vianna foi porém nesta exposição, o pintor da *Pousada de ciganos*. E todavia, que a independencia da sua arte perdoe a da minha impressão, não sei de composição mais perigosa do que a instabilidade dessa pousada de *ritmos cadentes*.

Não o digo pelos ciganos, gente nómada que passado o descanso no deslumbramento da hora em que os violetas frios vincam os angulos dos cunhais, abalam, antes que os muros desabem. Mas perigosa e ingrata para o artista que nela ingloriamente procurou a verdade através do paradoxo, e sacrificou o equilibrio logico dessa composição, aliás admiravelmente iluminada, ás ilusões duma visão artificiosa.

Essa impressão dum aspecto *alto*, em que as perspectivas oscilam como ébrias, e as sombras fogem ás ultimas vibrações da luz, é, embora visual, mais susceptivel duma expressão literaria do que plastica.

Mas Vianna, exprimiu com mais sinceridade pictural e emoção, a grandiosidade do Marão, numa tela digna de figurar em coleção publica.

O seu temperamento de concentrado, colheu na terra e no ceu regionais, a calma e a seriedade da montanha, cujos sopés se enleiam nos pampanos de Amarante emquanto as espáduas robustas suportam a rudeza transmontana. Em harmonias de verdes tristes e cançados, e *terras* em que se sente a gestação austera duma árdua fecundidade, o ritmo dos vales e das encostas eleva-se, primeiro em tonalidades graves — como um *largo* musical — e quando atinge as cumiadas luminosas, abre-se numa explosão sinfonica de azues esmaecidos e opalas, que ficam pairando e fluindo — até aos longes infinitos...

Já não é *cubismo* nem *espiritismo*, é a arte eterna de exprimir poderosamente uma emoção sincera.

Reynaldo dos Santos

LISBON REVISITED (1923)

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A unica conclusão é morrer.

Não me tragam estheticas!
Não me fallem em moral!
Tirem-me d'aqui a metaphysica!
Não me apregoem systemas completos, não me enfileirem conquistas
Das sciencias (das sciencias, Deus meu, das sciencias!) —
Das sciencias, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se teem a verdade, guardem-a!

Sou um technico, mas tenho technica só dentro da technica.
Fóra d'isso sou doido, com todo o direito a sel-o.
Com todo a direito a sel-o, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, futil, quotidiano e tributavel?
Queriam-me o contrario d'isto, o contrario de qualquer cousa?
Se eu fôsse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciencia!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sòsinho para o diabo!
Para que havermos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sòsinho.
Já disse que sou só sósinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

O' céu azul — o mesmo da minha infancia —,
Eterna verdade vazia e perfeita!
O' macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o ceu se reflecte!
O' magoa revisitada, Lisboa de outr'ora de hoje!
Nada me daes, nada me tiraes, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E emquanto tarda o Abysmo e o Silencio quero estar sòsinho!

ALVARO DE CAMPOS

CARTA AO AUTHOR DE "SÁCHÁ"

Meu querido Francisco Manuel:

ACABO de conviver, como se fôsse consigo, com a leitura da sua novella-film «Sáchá». Olhei-lhe os episodios, mais que os li. Atravessei-os como quem passa por gente. E tive o prazer de que foi acompanhando-o que fiz essa travessia *bariolée*.

Não direi, da sua novella, que ella é notavel como litteratura. Digo, porém, que é notavel como elegancia. A sua intenção, supponho, não foi que ella fôsse outra cousa. Fez v. bem, que o proprio da elegancia é não aspirar senão a sel-o.

Raros, de entre os que escrevem, podem ser verdadeiramente escriptores — isto é, escriptores superiormente, artistas pela palavra escripta. O exercicio superior das lettras exige, como toda a especialidade superior, uma predisposição complexa, e uma preparação complexa tambem. Quanto á predisposição, nada ha que dizer senão que ou se nasce com ella, ou de todo se não possue. Quanto á preparação, poucos ha, mesmo entre os de certo modo predispostos, que supportem sem inconstancia a disciplina que devem querer impôr-se. E, mesmo assim, uma predisposição, embora grande, e uma preparação, embora constante, ha mistér que tenham sido, equilibrada a primeira, e começada a segunda, por uma educação feliz na infancia; o que procede de circumstancias em que nem a herança organica, nem a escolha propria, são elementos causaes. Nem deve esquecer que a influencia do meio, em que vive o escriptor já adulto, collabora no resultado. Com tantos e tão diversos elementos construe o Destino, assim em litteratura como em outro qualquer modo da intelligencia, o accidente final a que se chama o genio.

Em grande numero dos que escrevem, portanto, ou o escrever é um simples vehiculo de idéas, e elles serão philosophos, porém não são escri-

ptores; ou a litteratura é uma profissão, que exercem, e não serão elles artistas, senão artifices; ou o que escrevem é conscientemente uma distracção de seu espirito, escripta para que se entretenham os outros com aquillo, com que o proprio author se entreteve. Não fallo dos que escrevem fóra d'estas trez razões, e supponho que são escriptores verdadeiros. Esses, que são a maioria, não são nada.

N'estes trez typos do escriptor, que propriamente o não é, um só resultado litterario nos pode prender o espirito—a approximação, que haja em suas obras, da verdadeira litteratura. No pensador isto dá-se quando a força da intenção aquece, por sua mesma violencia, a phrase e a palavra, e a eloquencia surge como voz do pensamento. No artifice das lettras isto acontece quando a habilidade do fazedor simula de perto, pela acção justa de um instincto mimetico, o escrupulo do artista. No «entretido» isto resulta quando, sendo a sua personalidade intelligentemente interessante, elle consegue transpôl-a inconscientemente para o que escreve; não tanto escrevendo, quanto fallando-nos por escripto.

V. e o seu «Sáchá» estão no caso d'esta terceira especie. Como v. tem uma personalidade decorativamente rica, havia com que interessar, logo que fôsse espontaneo na manifestação d'ella. E v. foi espontaneo: escreveu sem pensar que escrevia, escreveu pensando só em si. Porisso pôde confiar aos quadros da sua novella o segredo subtil de quem é. Porisso a fallou, mais que a escreveu; e os episodios da sua narrativa imprecisa participam da sua propria graça e da sua elegancia inimitavel.

A sua personalidade futil, feminil, escandalosamente europeia, complicadamente sociavel, predestinada póro a póro para todas as astucias da elegancia e todas as subtilezas de conhecel-o, transparece coloridamente no seu livro. E, se n'elle v. faz tão naturalmente, com um conhecimento tão authentico e organico, a cinematographia local do semi-cosmopolitismo elegante, producto da invasão das aristocracias pela grande finança, e em o qual as maneiras são cada vez mais um accidente da moda, e a futilidade cada vez mais uma funcção do aborrecimento, não é senão porque tudo isso vive em si, e porque essa atmosphera social é uma componente do seu espirito.

E, ainda que não houvesse estas razões geraes para que v. encantasse, revelando-se, haveria outras, particulares, e que sobremaneira prendem (pela ironia, para comnosco, do contraste) os espiritos da minha indole. Não são essas razões motivos para que todos appreciem o «Sáchá»; porisso digo que são particulares, e as dou apenas como minhas.

A mim, espirito especulativo e metaphysico, e porisso triste e desgracioso, fascina-me a attracção do seu constraste commigo. V., sendo como é, põe elegancia em tudo; eu, ainda que fôsse elegante em alguma cousa, de tal modo o seria que o não seria. O emprego excessivo e absorvente da intelligencia, o abuso da sinceridade, o escrupulo da justiça, a preoccupa-

ção da analyse, que nada acceita como se pudesse ser o que se mostra, são qualidades que poderão um dia tornar-me notavel; privam, porém, de toda especie de elegancia, porque não permittem nenhuma illusão de felicidade.

Os espiritos constituidos como o meu nascem velhos e vivem vencidos. A mais esplendorosa mocidade physica, se por acaso a temos, não chega nunca ao nosso espirito; a maior celebridade tem sempre para nós um sabor soturno de derrota, um laivo cruel de inutilidade e de erro. Força é que tomemos tudo a serio: a futilidade, portanto, é-nos extrangeira. Porisso, ao tornar-nos conscientes, adquirimos para com ella, que por natureza é moça, uma das attitudes dos velhos para com a mocidade: nos peores de indole, a amargura e o despeito do excluido; nos melhores, o carinho triste do saudoso. Tive, creio, a felicidade unica de, tendo que ser d'estes, não ser dos peores. Porisso me fascina, como disse, o contraste de v. commigo; da sua mocidade ingenita, da sua futilidade triumphal, com o meu cansaço innato de predestinado á derrota, ainda que ella possa chamar-se victoria.

V. nasceu vencedor, porque as fadas no seu nascimento, enganaram a fada maligna. Não venceu v. como os que vencem pela victoria, com o conseguimento, que sempre pesa porque existe; com o exforço, que é sempre vil porque fatiga; com o merecimento, que é racional e porisso sem vida. O seu fado foi mais menino. Coube-lhe a victoria como vida, que não como victoria. Deram-lhe amorosamente como berço o que aos melhores de nós, que nos maltratamos, de mau grado cabe como tumba.

Desejo-lhe, meu querido Francisco Manuel, que nunca passe do seu ar e dos seus gestos a mocidade que o Destino lhe concedeu, como a um jovem deus, não como episodio passageiro e mortal da edade, senão como segredo da vida e carne do proprio sentimento.

Guardo do que v. escreveu a memoria dispersa e nitida que fica dos perfumes. Não é a reminiscencia de uma cousa espiritual, porém não o é de uma cousa da materia. Vive no intervallo das cousas que podem definir-se. E' uma aura, uma atmosphera, um agrado indistincto, uma presença para quem sorrimos. Neste caso é v. mesmo.

Tudo mais é philosophia.

FERNANDO PESSOA

SONETO

Entrei na sala do banquete; entrei
No fim, para ser Eu! que todos vissem!
E nem deram por mim quando cheguei,
Quando eu esperava que todos me sorrissem.

Ninguem me deu logar, mas eu fiquei;
— Pudera não ficar... — se eles sentissem
Como eu sinto, a ânsia de ser rei
Dum reino em que todos me servissem.

Matavam-me decerto! De repente
Fugiram todos indecentemente
Para a rua, em tropel, a rir de mim!

Lancei-me então esfaimado sôbre a meza:
Nada encontrei! parti cristais... Baixeza!
O que fiz eu?! Porque é que eu sou assim!?...

FORTUNATO VELEZ

EVA AGGIRHALNA
"LA NIÑA DE LA CABELLERA GRANDE"

APRESENTAÇÃO DE ANTONIO FERRO AO PUBLICO DO RIO DE JANEIRO POR CARLOS MALHEIRO DIAS

ALGUMAS palavras, apenas. Perante êste auditório reunido para vos ouvir e festejar, a minha voz parecerá um anacronismo e uma dissonancia. Mas a presença, a vosso lado, dos meus cabelos brancos não significa sómente a homenagem da minha geração à vossa geração, mas testemunha o élo que nos prende — porque eu me revejo em vós rejuvenescido.

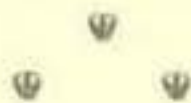
Nas vossas mãos de artista arvorais uma bandeira agitada pelo vento que sopra, não do quieto passado, mas dos quadrantes do futuro. A presença da vossa mocidade nêste grande paiz em plena juventude trouxe a resposta optimista aos que visionavam Portugal como uma tumba onde se agitavam as larvas sepulcrais da decomposição. Convosco veioo clamor alegre dos que se banham nas águas vivificantes da mocidade. O suposto mar morto é uma fonte borbulhante. Na vossa fantasia inesgotavel, na novidade das vossas imagens, no sorriso das vossas ironias ha o sangue novo, que já foi nosso, circulando em elásticas artérias, e uma alma que tem asas e vôa, contemporânea dos aeroplanos.

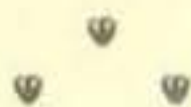
Vós atestais que as nações podem ser antigas sem ser velhas. As patrias são corpos vivos, palpitantes, incorruptiveis; almas que as gerações vão reincarnando e perpetuando. As nações são a História em marcha através do espaço e do tempo. Os povos não têm idade, porque em qualquer período da sua existencia ha uma geração que tem vinte

anos, quer seja, no gotico seculo XII, a geração do rebelado moço Afonso Henriques e dos seus companheiros vestidos de ferro, quer seja, no seculo XX, a dos republicanos da Flandres, vestidos de kaki.

O que não é possível é pretender que os homens de hoje falem e pensem como os homens de ontem, que o tempo pare, que a vida se imobilise, que o futuro seja apenas o complascente espelho em que se mire o passado. Se a mocidade repetisse as ideias do pretérito deixaria de ser mocidade. Mocidade é sinónimo de Amanhã.

Sinal de vitalidade é constatar que os moços sabem ter vinte annos numa nação de oito seculos: os vinte annos dos cavaleiros de Alcacer e da Ala dos Namorados, dos mancebos do primeiro assalto de Ceuta. A História de Portugal está cheia de mocidade, de reis jovens e de heróis imberbes. Os seculos são as raizes das patrias, mas as gerações juvenís são as suas flores. As cepas velhas cada anno dão vinho novo. Seria com o vinho da próxima colheita, tirado do lagar em plena vida estuante da fermentação, que eu desejaria brindar-vos, sr. António Ferro, vindimador da Arte nova.

❦
❦ ❦

Todos vós que ides ouvir o novelista de *Leviana*, ou sois tão moços como êle, ou já o fostes. Convertamos a memória saudosa da mocidade em simpatia e não em ciume pelos que vivem essa idade venturosa, pois que êles tambem a hão de transpôr, e descer como nós a ladeira melancólica da vida. Todavia, mesmo envelhecendo, êles serão, em confronto com os do meu tempo, sempre novos. A mocidade de hoje só é semelhante à que foi a nossa porque tem vinte annos e seus transportes e sortilegios, mas é a mocidade de um outro tempo: dêste tempo que ajudámos a fazer e principiamos já a não compreender; mocidade que viu a guerra trágica, que vestiu a horrida máscara contra os gases asfixiantes; a mocidade que quer renovar o mundo e a arte, a mocidade contemporânea do homem voador, que não desiste de ser alegre e de ter fé, a mocidade que não se resigna a passar à sua sucessora um resequecido cadaver de flôr embalsamada, mas uma flôr viçosa, embora extravagante, cultivada por ela. A impressão que aos retardatários causa a arte creada pelas novas gerações, preparadas pelas rebeldias de Courbet, de Verlaine e de Rodin, assemelha-se à do anacoreta que não conhecesse senão a rosa silvestre e a quem mostrassem uma cataléa dos trópicos, nascida no musgo de um roble, vestida e pintada como uma cortezã, com os seus electros viperinos erectos no húmido cálice das suas pétalas de púrpura.

❦
❦ ❦

Uma das accusações que mais frequentemente os envelhecidos articulam contra a mocidade é a de sua presunção. Mas a modestia é a tristonha virtude da experiencia. Mocidade é ter a fé íntegra e a esperança ilimitada. A feliz mocidade não conhece *o talvez*.

Como a aurora que nunca se confundiu com o poente, a mocidade nunca envelheceu, porque ha sempre uma mocidade, ontem a nossa, hoje a de António Ferro e de seus venturosos companheiros. Os que pensam que o passado era mais jovem que o presente pelo facto de ter menor número de annos, êsses vivem no êrro, porque a espécie humana é cada vez mais jovem pela incorporacão incessante das mocidades que se sucedem e perpetuam. Mil mocidades sobrepostas representam uma força juvenil mil vezes maior do que a mocidade inicial.

Ter fé na mocidade é ter fé na vida.

Eu encaro-vos, tais como sois, com supersticioso respeito e com emocionada gratidão. Sou dos que pensam que muito temos que aprender comvosco, que muito temos que esperar de vós.

Pelo que se refere especialmente à mocidade portugueza, a vossa geração é a primeira que pensa e canta entre as ruinas e os escombros de uma sociedade derrubada. As condições morais, cultorais, e até económicas da vossa vida são tão diversas das gerações que os precederam que seria iniquidade aplicar-vos o mesmo criterio de julgamento. Encontrais num mundo novo muitas ideias decrépitas e periclitantes, como aquelas colunas e panos de muralhas que permanecem de pé depois de um terremoto. Ouvis chamar minúscula a uma patria que tem dois milhões de kilómetros quadrados de territorio dispersos por quatro continentes, à espera de um estadista da nova geraçãoq ue os articule em Estados de Portugal, e onde ha, desde a pagode budico de Macau e os minaretes Unidos de Pangim ás selvas da Zambezia, das minas de diamantes de Angola às colunas maravilhosas dos Jerónimos, dignas de sustentar a quarta esfera do sistema de Ptolomeu; ouvis chamar velha a uma patria onde sois jovens; ouvis as lástimas dos que deploram que o passado não tenha sobrevivido quando todos os vossos ideais se projectam para o porvir.

Tendes razão em não querer retroceder, e o meu voto é que essa bandeira que a vossa combatente geração hasteia e que espero não deixeis cair no pó das capitulações, seja a signa triunfante de uma patria de novo adolescente, de uma patria primaveril.

Quando penso que nas últimas fileiras da vossa legião caminha o meu filho, não posso deixar de olhar-vos com emoção e de abençoar-vos: mocidade, alegria, inteligencia, esperança de Portugal!

Martirio do Infante Dom FERNANDO

Fez. De tarde. Clarões de vida azul. Desmaios
De bruma na Distancia. Angustia nas palmeiras.
Tremula nos areais um brazeiro de raios,
Levantam-se fortins, muralhas e trincheiras.

O Infante scisma... Os companheiros de trabalho
Insultam-no e blasfemam de Jesus...
O sol burila os minaretes do serralho
N'um prodigio de côr, n'um desvairo de luz.

«Patria!» — murmura o preso, inclinando a cabeça.
«Agua!» — e dão-lhe uma bilha alvacenta, de barro,
Tendo á flor d'agua, n'uma linha espessa,
Folhas rodando em cima d'um escarro!

Dom Fernando medita. A ponta d'um alfange
Rasga-lhe a fronte, que em papoulas se converte;
E o seu corpo esverdeado, esqueletico, range
De encontro ás pedras, onde fica inerte.

Petreficado, assim como a estatua de gloria
Onde o cinzel vincou maguas nem sei de quê,
O Infante, apunhalando o corcel da memoria,
Ergue ao Senhor as mãos, cerra os olhos e vê:

Tanger!... Zimborios, flechas de mesquitas,
Sonhos galgando o mar pacifico dos ares...
Desertos, fogo, areias, terraços e criptas,
Hortas, oasis, jardins, cisternas e pomares...

Palacios d'oiro e pedra, e sultanas de véu...
Turbantes que o beduino, a galope, esfrangalha...
Calor de incendio a apunhalar o céu...
Azagaias florindo os torreões da muralha...

Tanger!... O desespero em frente aos obeliscos...
A vingança ao fulgir luarento das adagas...
Expedição perdida, a retirada, os riscos,
A sêde, a fome, a peste, e a armada ao baloiço das vagas...

«Allah! — S. Jorge!» A defeza, os ataques,
E cada vez mais longe, a cidade, a cidade...
Aventura desfeita em gritos, baques,
Hecatombes de furia e golpes de anciedade...

Tanger!... Um sacrificio a mais, um cavaleiro
A menos! E depois, limpar cavalariças
E trabalhar para o Sultão! O' cativeiro,
Grande como a paixão incruenta das missas!

«O' Ceuta redentora!... Uma conquista
Não vale a perda minha!... O que é que eu vejo além?...»

Mas o Infante debalde estende e alonga a vista:
O bravo exercito libertador — não vem!

Fez. N'uma vil prisão nocturna dia e noite
O palido refens ora de joelhos.
A um canto escuro uma ânfora, um açoite,
No chão, pingos vermelhos...

Escuridão. Na escuridão sepulto
O seu rosto infantil ganhou mais candidez.
A santidade e o sofrimento alçam-lhe o vulto
Num tom mizerrimo de fórma e de nudez.

O Infante resa. Por vingança, o Moiro
Enterrara-o ali. O guarda, em festa douda!
Roubara-lhe as duzentas moedas d'oiro,
Que tinha no gibão, e a roupa toda!

O martir sonha. O guarda, em tregeitos convulsos,
Chama-lhe Christo. Os ferros e grilhões inermes
Ensanguentam-no. As pernas, mãos e pulsos
Estam em carne viva, apascentando vermes.

Resignado, em fervor, lusiada perfeito,
Como rijo batel do mar bravio á tona,
O Infante absorto, a olhar pelo carcere estreito,
Insensivel á dor, castamente visiona:

Portugal! Portugal! Torrão silvestre!...
Escrinio de ambições tam altas como a lua!...
A Crença, o Rei, uma Senhora, o Mestre,
Eis a sorte gentil, que em saudade flutua!...

Acorda e resa. Envolvem-se na aragem
Perfumes soltos, musicas tambem.
Manhã rubra de fé. Guerreiros, marinhagem...
Oh! mas o exercito libertador — não vem!

O Infante resa. Num sublime vôo,
Em quatrocentos e cincoenta dias,
O heroico paladim resou, resou, resou
Padre-Nossos, Antífonas e Avé-Marias.

O Infante resa. A morte aproxima-se leve...
Os quinze mezes de oração constante
Deram-lhe uma expressão que nunca se descreve,
Expressão de menino, expressão de gigante!

O Infante chora. As lagrimas sinceras
Tornam-se perolas de amor e compaixão:
Como Orfeu convertendo ao seu cantigo as feras,
Assim foi na moirama o choro do christão.

Dom Fernando agonisa. Os verdugos, ao lado,
Vendo-o tam sorridente no ultimo estertor,
Sentiam na garganta um soluço abafado.
Gritava de amargura o padre confessor.

Uns chamavam-lhe Santo, ao vêr tanta desgraça.
Chamavam-lhe outros o Senhor da Praia Lusa.
Mas o Infante, na aureola imprevista da Raça,
Os braços debeis sobre o peito cruza.

Dom Fernando morreu. O mal tem o seu cumulo.
Morreu virgem, olhando uma visão qualquer...
E talvez que ao transpor os degraus do Alem-Tumulo
Deparasse um perfil distante de mulher...

Fez. Meia noite. A's portas do Levante
E á lua dos infieis, macabra e opalina,
Baila, preso a uma argola, o esqueleto do Infante.
Dançam á volta a plebe e as aves de rapina.

MANUEL DE VILLA-VERDE

Carta a Uma Maria Que Não Vai Como as Outras...

Bem lhe dizia eu que «a audacia é para certas pessoas o maior dos calculos, a temeridade a maior das prudencias». Bem lhe dizia eu que esse conceito é para mim uma convicção activa e profunda, pela qual eu tenciono nortear os actos mais fundamentais da minha vida, e não uma frase só sonora ou simplesmente pitoresca. O que eu lhe vou dizer é uma temeridade — mas não julgue que aquela minha opinião só apareceu, ontem, para justificar, hoje, essa temeridade.

As coisas que enchem esta carta são temerarias por tres ordens de motivos: porque você tem os olhos que tem — olhos que só com muito se admiram e que pouco admiram, porque já viram quasi tudo e onde anda visivelmente diluida aquela duvida constante a que força a sabedoria; porque eu já um dia tinha vagamente sabido, quando a Mariazinha por me ser desconhecida, me era indiferente, que ela se sentia pouco inclinada a experimentar certas maneiras de existir; porque eu a conheço apenas ha tres dias e, emfim, porque esta carta tem o fim que tem...

Mas é como eu ha dias lhe dizia, n'aquela saleta do hotel: aqueles para quem a vida *em si* pouco ou nada vale — porque ha tambem os que sentem em vivér a mesma satisfação que sentiria uma maquina que tivesse consciencia do seu funcionamento impecavel —, aqueles que não querem apenas *viver* mas viver só de certo modo, viver uma vida de eleição, todos esses não cometem nehuma temeridade quando cometem certos actos que pelos outros assim são considerados, desde que esses actos os *possam* conduzir ao desideratum que pretendem. E isto porque a prudencia é em ultima analise a atitude de quem se não quer mover senão com a certeza de ficar melhor, de quem prefere não vir a ter senão o que tem a arriscá-lo para poder ter mais, de quem intende que a vida, por muito má que seja, é sempre melhor que a cessação dela — e eles, os aborrecidos, não querem preservar o que teem, porque não teem nada, ou teem aquilo que não presta, não querem mesmo conservar a existencia porque não querem saber para nada dela, se ela não for de *tal maneira* preenchida, e preferem cair num abismo donde se não sai a manterem-se numa posição que a continuidade tornou agudamente dolorosa.

Mas eu ainda lhe não disse a que vem isto, nem o que quero de si, nem digo claramente, antes deixo isso ao cuidado da sua divinação, porque lh'o queria dizer de uma maneira nova e isso é impossivel, pois que toda a humanidade, desde que se arrasta sobre esta bola lamacenta, balbuciou já com todas as palavras a sua sede eterna da unica coisa divina que está fóra do ceu...

Já não sou, Mariazinha, uma criança; *nunca, absolutamente nunca*, nenhuma mulher me causou qualquer inclinação que o Calculo, ou o Dever, ou o Respeito de certos principios não reprimissem com uma facilidade desenvolta; e quando, nesse memoravel dia de S. João, você surgiu numa surpreza imorredoira que iluminou o horisonte pardacento do meu viver como os clarões do fogo de vista, ao longe esclarecem, em noite escura, a via ao viandante — a minha vida e o meu futuro estavam delineados minuciosamente, em concretizações encadeadas numa rede aspera de interesses, de ambições, de projectos e de gulas... E veiu a sua figurinha fragil e gentil e com essas mãozitas de arvela desfez a malha forte num instante...

Desde sabado passado que este oceano imenso em que eu lhe falei está tempestuoso surdamente. Da carta que ai vai podem resultar vastas alterações no meu porvir, alterações agradaveis, visto que só a elas desde já aspiro, mas graves como arrasar uma construção famosa que ia já em meio e que custara torrentes de esforços, e as quais portanto só por uma intuição inabalavel e profunda de que só em si estaria a felicidade para mim eu me decido a provocar; e contudo, depois de ter tomado esta decisão, que póde ter tão radicais consequencias (oxalá as tivesse!) eu estou num estado de serenidade que é surpreendente, e é inexplicavel, e inesperado mas autentico, para minha confusão. Ora porque esta calma tão absurda, que até envolverá talvez a minha carta numa nevoa fria e tenue que, digo-lh'o desde já, é tão impossivel existir dentro de mim como é impossivel anotar em si uma d'estas agitações exteriores, uma destas exuberancias de gestos e palavras (não correspondendo a um aceleramento intimo) entre mulheres tão deploravelmente frequentes e que a mim me desagradam tanto? Esta serenidade é para mim, que me conheço, e permitira Deus que você assim a encarasse (quem sabe se vai ver nela sentimentos precisamente opostos?) a melhor prova, a mais flagrante, a mais segura do caracter estavel e definitivo da impressão que você causou em mim. Parece-me que a aprecio ha imenso tempo, ha dezenas d'anos, apezar de eu ainda não ter duas duzias deles; e a ideia, não de *conhecimento*, mas de *encontro*, que me ficou da sua convivencia de dois dias leva-me a crer que o meu amor por si é todo intuitivo, e em parte instintivo, o que explica a sua brusca formação e a sua rapida vitoria. Eu andava á sua procura ha muito tempo, querida Mariazinha, desde que comecei a saber analizar-me e a observar o que é que me faltava para a felicidade... E agora surgiu no meu caminho, e mesmo que se não volte para traz a atirar-me umas migalhas dos seus olhos eu é que irei no sulco da sua visão e da sua lembrança, sem me distanciar para não deixar de sentir o seu perfume, e isto durante muito tempo, muito tempo, até cair de cansaço ou me quedar desanimado por você ir mais depressa do que eu...

Já compreendeu tudo, não é assim? Eu amo-a profunda e irremediavelmente, e ha imenso tempo, porque era a si que eu amava em todos os meus devaneios, em todas as minhas aspirações, em todos os meus sonhos acordados de rapazinho romantico que não sabia como era mas sabia que os outros não eram como ele... A sua pessoa absorve inteiramente, sem qualquer deficiencia, sem a mais leve pontinha de desapontamento ou de desilusão, todas as figuras ideais, todas as silhuetas preferidas que ocupavam as minhas *reveries*.

«Ele ha tanta mulher... Mas porque é que a nossa fantasia só uma escolhe e quer?». Se eu quizesse dizer-lhe porque é que você me impressionou dum modo tão seguro e tão inedito para o meu coração achar-me-ia em serios embaraços. Tenho visto muitas raparigas; e se você soubesse como eu era sceptico a respeito delas... Se me tivesse alguma vez ouvido dizer, sem ser vista por mim: «eu hei-de ficar sósinho, porque não creio que venha a encontrar uma

mulher que me satifaça plenamente», ou «as mulheres raras são como a sorte grande: só saem aos outros», ou «eu nunca hei-de poder fixar a minha escolha em nenhuma mulher, porque nunca estive ao pé d'uma durante cinco minutos que me não lembrasse que podia haver outra mais perfeita»; se você conhecesse a subtilêza de que é capaz a minha análise, ou nela acreditasse, talvez se sentisse um bocadinho lisongeada — se fosse susceptivel de tão ruins sentimentos Sua Serenidade — pela plenitude de admiração que em mim causou.

O meu amor por si tem pelo menos um motivo bem consciente: a extraordinaria perfeição da sua inteligencia compreensiva. É um aspecto das pessoas, suponho, que eu descubro com uma rapidez singular — porque uso para o descobrir de especiaes processos. Você é a mais inteligente de todas as raparigas que eu tenho conhecido; e se não parece ter tanta originalidade criadora como os mais inteligentes dentre os rapazes escolhidos com quem tenho convivido é porque o seu acerado espirito critico é uma lamina de dois gumes que a mutila, é porque sofre d'uma modestia doentia que a anula. Faça-me a justiça de não supor que isto seja simples lisonja. Bem sei que o verdadeiro amor é sempre sincero, até nos exageros; mas é preciso distinguir: eu não faço esta opinião de si por lhe ter amor; tenho-lhe amor, entre outras coisas, porque faço esta opinião de si. Aliás se você fosse para mim apenas uma rapariga que me agradasse e com quem simpatizasse, e não tivesse as qualidades que lhe aponto, eu seria suficientemente artista e teria tacto bastante para omitir a minha opinião sobre toda uma metade de si propria (como é a inteligencia) sem você dar por isso e evitando eu assim o fingimento.

Acabo de ler o que fica para traz: e acho esta carta insipida, estulta, horrenda, *fria*. Eu não sou pessoa para ilusões, ao menos pelo que respeita ao que já fiz (porque em relação ao que ainda farei iludo-me voluntariamente, a ver se assim consigo fazer alguma coisa...). Esta carta vai gelada. Mas porquê? Não é, com certeza, alguma pouca anemia cerebral cauzada por estas noites, que tenho passado quasi sem dormir; e parece-me que vejo o motivo real: é que a duvida que volta e meia me assalta sobre o resultado desta minha suprema tentativa para ser feliz representa um freio que me diminue e mediocriza.

«Et la nuit, enfermée dans sa chambre, au milieu du grand silence où elle entendait les palpitations de son âme, elle ecrivit à l'absent une lettre pleine de ces paroles semblables aux fleurs dans leur perpetuelle nouveauté... Et elle trouvait ainsi, toutes fraiches dans son âme, les sensations ed les images eternelles» (Le Lys Rouge). Mas a Condessa de Martin-Bellème era correspondida; e eu não sei se alguma vez o serei. Dê-me, cedo ou tarde, um sinal de assentimento e verá como elas surgirão em avalanche que a envolverá — as imagens que, como as flores, precisam de terreno adequado para crescer...

*

Reli o que está para traz, e achei que não era digno de si. E uma tentação me veio de chegar estes papeis a uma vela e consumir para sempre estas garatujas imperfeitas. Mas depois lembrei-me que a minha alma já vincada e engelhada ficaria negra, toda negra, como eles, só com um brazido de dor, e sujeita tambem a desfazer se ao contacto de qualquer pressão das coisas exteriores. Por isso já não torno a ler o que para traz está; por isso esta carta ha-de seguir hoje ao seu destino; porque se não for hoje póde já não ir. Eu ando tão abatido, a minha vontade está tão cerceada que sou muito bem capaz de deixar fugir a felicidade que passa ao meu alcance por em mim não reunir forças para alongar o braço e a reter.

Eu não sou homem para *flirts*, porque eles não dão a posse completa, e a vista das coisas belas porque anceio e que me não pertencem faz-me muito mais mal que a completa privação. Mas eu tambem não sou um garoto que faz garotices; e por isso...

A imensa ventura que para mim seria ter uma mulherzinha que gostasse tanto dos meus olhos que eles não se atrevessem a achar outra mais formosa, e a qual o meu desejo de ser compreendido me fizesse crer (porque a amorosa atenção dela a fazia julgar de todo compreender-me) inexcedivelmente inteligente, e que tivesse a grande bondade de de muito me amar e de muito boa ser para mim; em cujo regaço acolhedor eu pudesse depor um pouco da multidão de pretensões e pensamentos que ás vezes me fazem sofucações em pleno ar livre e a cujo peito estreitinho eu pudesse aplicar as imensas possibilidades de afectos, e carinhos, e delicadezas que eu trago ha imenso tempo concentradas, escondidas, a pezar cá dentro, fazendo de mim uma figura daqueles contos que nós lemos quando eramos crianças em que havia homens que eram obrigados, por castigo, a trazer sempre ás costas um fardo esmagador mas invisivel para os outros...; que fosse, (se fosse você), pela sua boca de labios côr das flores de olaia, pelo seu nariz de bases levemente aladas, pelos seus olhos tão expressivos que eu não posso exprimir como eles são, pelos seus cabelos travessos onde se escondem Eros pequeninos e por toda essa carita encantadora, a Beleza portatil, a Beleza presente, a Beleza que estaria em toda a parte... (onde eu estivesse)... Uma mulher que fosse o meu melhor amigo, e a Pitonisa leal que se vai consultar quando a hesitação vem...

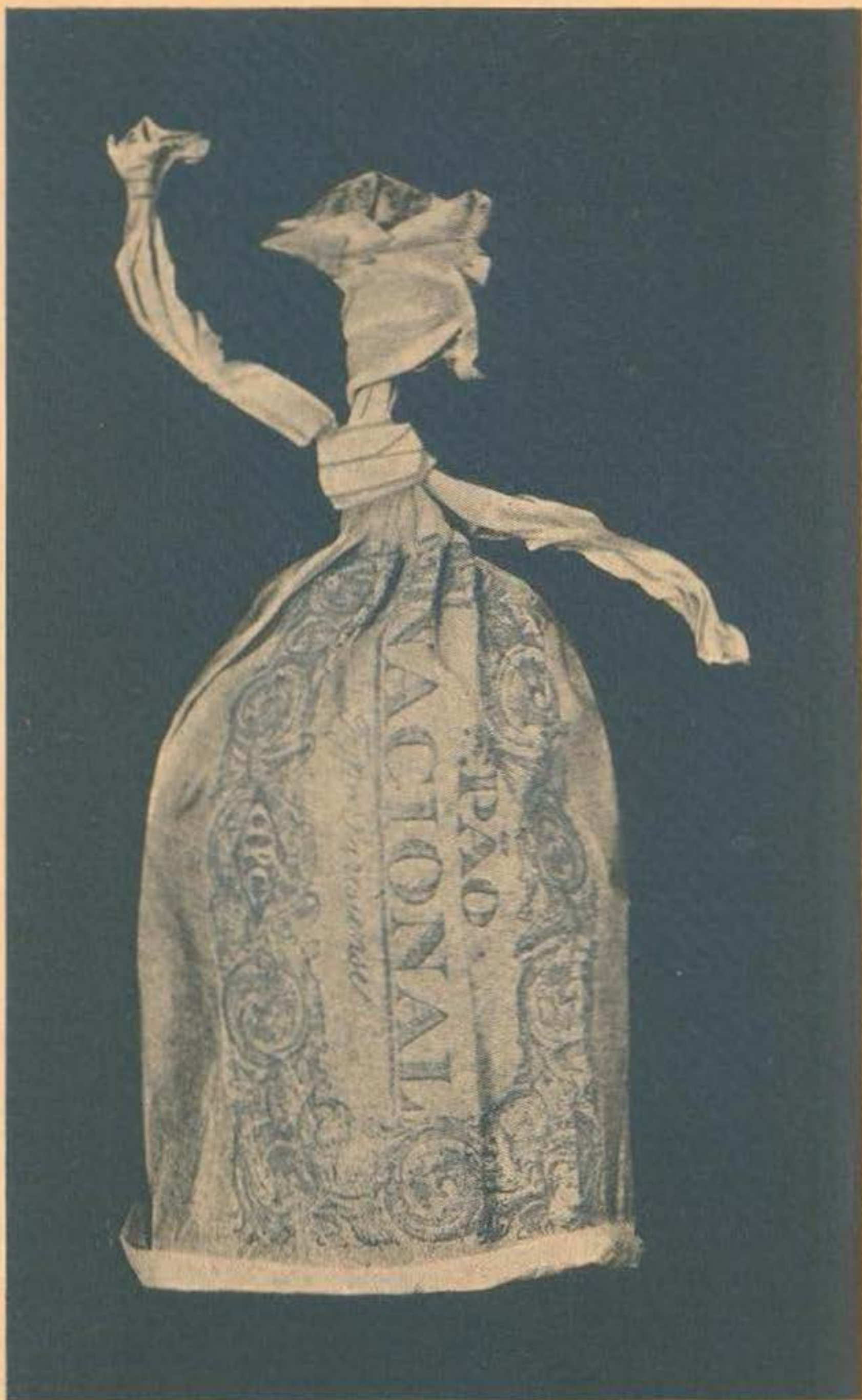
A imensa ventura de poder um dia beijar essa leonina cabeleira que (só se deve domar com oleos e geitos delicados, como a dona, com as minhas mãos atraz das costas, não fossem elas parecer-lhe uma cadeia... e poder pegar nessas mãozitas ponteagudas feitas para revolver almas e trazê-las, com a frescura que a sua tranquilidade de Deusa deve dar-lhes, até ás minhas fontes por elas abrazadas...

A imensa ventura que seria para mim, um arrogante que, como todos os arrogantes sinceros, só poderá devotar-se a um ser mais fraco do que ele, a imensa ventura que seria para mim cuidar porque se cobrissem um poucochinho mais esses ossitos do seu peito, que se é lindo assim alarma um pouco, porque póde ser forçado por um mau vento de doença, contrariar um pouco a parasitaria tirania dessa cabeça expressiva como um facho, que parece fazer peso ao corpo franzininho, e que póde derrubá-lo se lhe pega o sopro duma paixão subita, como acontece a certos pinheiros mansos de coma crespa e scismadora e tronco esbelto, quando lhes dá o vendaval...

Se a ofendi em alguma parte desta carta queira-me perdoar. Eu sou neste assunto inteiramente inexperiente, porque nunca escrevi, para meu uso, carta nenhuma de amor... Escrevia-as para os meus camaradas do liceu, quando tinha apenas doze anos...

Querida Mariazinha: a Senhora é carinhosa para os gatinhos a quem se atiram pedras, e para os pobres cães vadios a quem se dão pontapés, porque eu o vi. Ora eu, mercê de circunstancias varias, tambem sou um triste cão vadio que mal conhece afectos, e nunca provou carinhos, e não sabe o que é amor. Não seja pois para mim mais má do que é para os cães — porque eu tambem tenho as qualidades deles... Por todos os momentos de sofrimento que tem tido, e para que os não volte a ter, por todos os impulsos de caridade que atravez da vida, a teem enobrecido por todas as privações de coisas que não se compram por que tem passado seja... o que quizer para mim. O meu coração aí lh'o mando, dobrado nestas folhas de papel, aí lh'o atiro ao seu caminho; por alma dos seus que já morreram, cuja imortalidade eu vi outro dia nos seus olhos, não o aparte com a biqueira do sapato, nem o pise: pegue lhe carinhosamente, e tome-o para si.

FERNANDO DE HOMEM CHRISTO.

EFEITOS DA CIVILISAÇÃO

A' mesa, emquanto se espera um prato, podem fazer-se lindas «bailarinas russas» com o papel que embrulha o pão, typo Parisiense, da Nacional

O ESCULPTOR E O SONHO

Nunca esquecerei a hora gris em que Marcos Alvim, no seu atelier ás Avenidas Novas, poz a clamide no modelo nú, o encheu de rosas fulvas e indo de repente ao piano tocou a lohengrinica marcha nupcial de Wagner, dizendo n'uma voz que era um cantico de triunfo: — «Sinto-me a maior e a mais bela alma do mundo, n'este dia de sol que tombou a meus pés como um gladiador vencido. Amanhã reentro na minha vida inutil. Hoje terminei a obra orgulhosa do meu sonho. Aqui ao meu lado tenho o modelo surprehendente, que eu ainda não toquei. As rosas que enchem o ventre marmoreo de Lisa — a do corpo electrico e ogival, nubil como uma fonte adolescente ainda sem ondas, que fossem os seus aquaticos seios, ogival como um corpo infantino em reza, Lisa, o modelo irreal, bambino e tremulo, a que possue olhos de fogo e luar — tem no perfume a volupia dos meus afagos. Hoje eu sou o sonho e o amôr, amanhã serei a saudade. Como é doloroso reconhecer que se viveu e não se viverá mais! Que o rytmo do mundo continuará, só o nosso sonho foi vencido pela morte. Como não resisto á morte o meu maior orgulho é destruir-me, inutilizar-me por minhas proprias e eleitas mãos. Entre o meu presente e o meu futuro eu vou construir a ponte do meu tedio e do meu remorso. Foste a testemunha admiravel do meu sonho plastico e alucinado. Tenho mais do que nunca a volupia anacoreta de estar só, viver só com os meus sentidos em coloquio e em murmurio. A hora gris morreu, a tarde golfa penumbra, sinto o crepusculo vestir-se de azul e de neblina. Adeus. Vai para o acaso das ruas, para o xadrez colorido das mascaras e das almas, para o bulicio musical da urbs tentacular e nocturna. Assim que a tua alma precise da minha, vem, podes vir sempre á romaria da minha ternura e da minha irmandade por ti...»

Sahi, levando manuscripta a tradução da Antigona de Sophocles, que Marcos Alvim fizera em trez dias de febre, emquanto a noite se vestia de negro e a cidade era um harem de olhos a procurarem ler destinos.

Na rua barulhenta encontrei Nuno Placido o escriptor que toda a vida sonhara uma obra e esquecera ingloriamente a propria vida. E, docemente, emquanto o crepusculo ia rezando a avé-maria da noite, nos demos a falar de Marcos Alvim, o esculptor raro que só sonhara esculpir tumulos e fontes e cujo ultimo sonho fôra a esculptura d'uma bachante beijando e esmagando um monte de rosas, embriagada de amôr e de ternura voluptuosa, uma Leda doida de não ter o seu Cisne.

Marcos Alvim, adolescente, de cabelos castanho-doirados, olhos fundos como abismos, era um d'estes artistas que na vida soffrem a dôr creadora, a dôr que os deshumanisa, que os torna figuras duendes, vivendo uma vida áparte, diferente e megalomana. Quebrara todos os sonhos belos, viver como um gentilhomem de espirito, viver como um peregrino cujo alforge fosse a chimera. Deixou de viajar, deixou de ver cidades ruidosas, paisagens distantes, paizes de bruma e spleen, para se envolver n'uma nuvem ideal, no sonho de encher as cidades de tumulos que fossem o elogio profano da morte, e de fontes que fossem a missa profana da vida. Nasceu como nascem as obras belas e eternas, crucificado de dor, diademado de tortura. Soffrendo sempre esculpiu-se em alma dolorosa, trazia ele proprio a dor ao colo da alma e dos sentidos. O seu desejo era esculpir o sonho, dar a um sonho dinamico, herculeo ou repentino o desejo plastico da sua esculptura ou da sua maneira de esculpir. — «Ninguem

esculpe n'um instante. Por isso eu soffro horrivelmente e invejo os escriptores ou os musicos que n'um instante, n'uma hora podem, como os poetas, realisar uma belesa eterna». Este era o desejo sortilego de Marcos Alvim que n'essa noite tinha combinado com Nuno Placido, o escriptor sinfonista, o musico Ruy Fontes, cabeleira revolta, de oculos de tartaruga e sonhos epopeicos de raça e o poeta Ivo Monforte auctor do livro bizarro «O Funeral do Poente», encontrarem-se no atelier ás Avenidas Novas, para lhes mostrar a estatua divina, a bachante pulcherrima que era a Leda sem Cisne, orgulhoso do seu dia, o maior dia. Horas depois quando os amigos do raro artista entraram no seu atelier deram com um espectaculo barbaro. A estatua feita em estilhaços, cheia das rosas rubras do incesto que tiveram com o modelo, que ele despedira sem um afago, sem um beijo. O modelo fôra-lhe como um marmore. Não lhe sentira a carne, sentira-lhe as linhas.

Marcos explicou então: — «Destrui a minha estatua porque ela não correspondia ao meu sonho plastico. Eu queria esculpir n'um instante uma figura duende, macabra, sinistra, ebria de vingança ou odio, fazer n'um instante apenas um bloco eterno, que desafiasse os seculos, que galgasse o tempo vertiginoso. Não posso, não posso, por isso fiz a minha melhor obra, destrui-me».

Deante do amigo todos deploramos a estatua em ruinas. Ao que ele respondeu: — «Pelo contrario sinto-me maior, viverei mais para o meu remorso e para o meu sonho. É mais belo viver o sonho d'uma obra do que realisa-la. Vive-se em febre, em febre admiravel, que nos galvanisa, que nos fortalece para a chimera. Mas é tudo apenas febre, a ante-ruina dos sonhadores, de todos os que trazem a arte ao colo do sonho, embalada e mimada pela adolescencia, como uma aia irreal. Repito. É mais belo viver o sonho d'uma obra do que realisa-la. O triunfo é um sortilego alcool e todos nós andamos quasi sempre embriagados diariamente e voluptuosamente pelo alcool do triunfo!»

Falaram, conversaram, a noite ia alta. Nuno Placido escrevera na vespera em duas horas de delirio umas paginas sangrentas de raça e de milagre. Todos lh'as pediram. Marcos Alvim de olhos vagos como o seu fumo de cachimbo, poz os olhos ao alto. A luz era tamisada de verde. Em volta dos destroços o perfume das rosas vestia o atelier de exaltação e de enlevo.

Houve uma pausa, um silencio. Todos se interessaram. Nuno Placido era um raro, um escriptor surprehendente.

Nuno Placido, mãos nervosas, agitando os papeis escriptos n'uma letra alta e confusa como uma floresta de traços exquisitos, leu as paginas admiraveis a que deu o titulo de «O crime», paginas que ao mesmo tempo eram um cantico e um funeral de raça.

«N'uma volupia dolorosa, sangrenta, o sol morria e o poente desvairado tinha sangue, o mesmo sangue do crime dos guerreiros, emquanto ao longe a igreja era uma esfinge de morte e na alma dos homens rudes uma tristeza plangia, funda e abismal como um tumulo. N'um arranco caminharam. A noite avançava, vestida de negro, fantasmatica e as trevas invadiam a paisagem adormecida, uma paisagem de chorões pomposos e curvados e planuras verdes com renques de arvores e longes esfumados na distancia. Cada vez mais, cada vez mais, a dor envolvia a clan, uma dor que punha rictus de bronze nas mascaras, que enclavinhava as mãos, que fazia brandir as espadas núas, que dava aos olhos sulcos e fundos de infernos, porque elles vinham da morte, da morte cruenta, sinistra, como se tudo fosse uma visão soturna entre sonhos delirantes. Ao longe Montemór-o-Velho, n'essa hora gotica, era um ex-voto branco, em volta ao castelo, n'essa noite medieva e perdida nos longes do tempo, que segundo conta uma lenda foi uma noite quasi irreal de amôr e de morte, noite de inferno e de delirio, de sangue e de amôr barbaro, que eu sinto, como se pintasse á luz da minha razão o painel duende do meu sonho desvairado. Os moiros andavam talando os cam-

pos, por toda a parte a morte e o roubo o estupro e o sangue. Aldeias após aldeias tinham sofrido o saque e de tanto lar fumegante, das igrejas cheias de povoléu rezando, de velhos de mascaras goticas e encanecidas, restava o fumo volatil, o ruido do fogo, lambendo, dizendo esculpturas de chamas, ecos de lamentos, pragas e interjeições de dor e de apego mais do que humano á vida. Um crepusculo de morte invadia a raça, tornava-a galvanica de esforço e de revolta e todos brandindo as espadas a um tempo temiam o saque e o fim, agora que o sino tangia e dentro da igreja a luz dos lampeões punha alucinações e desvarios, gestos de chama e suplica nos archotes acesos, emquanto uma cantilena de rezas, de mãos em ogiva, subia e se perdia no ruido confuso dos lamentos. — Piedade, piedade, era o grito dos velhos e das creanças chorosas. E a voz dos homens rudes da clan, juntos ás espadas goticas e núas era um grito de hoste, n'uma floresta emaranhada, á voz mitica do chefe. — A' morte, á morte!

Uma atmosfera de medo e de incerteza invadia as almas, e ao longe, já perto da tarde, um ruido se alevantou e eram ecos de buzina, alalis, canticos de guerra infernal, o tohu-bohu gritante da moirama saciada. A' morte, á morte! Um choro se levantou, alto e belo como uma onda saltando acima do oceano, um choro convulso de apego e de suplica — de remorso e de medo, á luz dos archotes hirtos no seu oiro volátil, dando penumbras aos paines e figurações de humanidade ás esculpturas toscas dos santos. Piedade! Piedade! Uma onda enorme de medo invadia as almas. Todos hesitavam, todos temiam do crime. Mas a lembrança do que sucedera ás aldeias visinhas, pela voz dos fugitivos, encheu-os de coragem, galvanisou-os titanicamente, como colossos animados. — A' morte, á morte! A voz do chefe era imperiosa e funda. Todos ao seu lado pareciam arbustos tremulos. Só a sua figura selvagem e loira, semi-barbara e esculpida de sangue e de dominio, se levantava como uma esculptura, como a mais alta onda da grei, no seu desejo humanissimo de defesa. N'um arranco, a um signal rapido, caminharam e foi então o espectaculo barbaro, duende, de paes a matar os filhos, de filhos a degolarem as mães, de irmãos que matavam ás cutiladas as barbaras e loiras irmãs. Senhor Deus, Senhor Deus, piedade, piedade! Mais alto subia o amor e o odio e o espectaculo continúa, duende e macabro e eu vejo então o trucidar dos corpos, o retalhar das carnes, os gritos de vida, o tumulto infréne, d'essa tela gotica, sortilega, emquanto o oiro dos archotes chorava nas chamas e o sino emudecia, sem mãos que o tangessem. Acabaram as rezas, agora só gritos e interjeições e um ruido de espadas nuas cortando, violando corpos, n'uma carnificina parricida, irreal, dentro do templo iluminado e dos brandões espetraes. A matança parára. Agora só corpos, pedaços de membros, cabeças de olhos abertos, abismaes, montes de frangalhos humanos, e um cheiro de sangue, que incitava, que dava ao templo um aspecto inexplicavel e deshumano, irreal e fantasmatico. Pelas janelas uma infancia de luar entrava, havia indicios de dia distante, tal era a brancura duende, espetral da sua luz alva e fluida, como um afago de mão morta, côr de pergaminho velho. Os guerreiros sahiram, os seus olhos eram fogo e morte, amôr e morte, tinham assassinado mães e filhos, avós e netas, n'estes campos de Montemor-o-Novo, dentro do proprio templo, na presença de Deus, para que as espadas e o odio dos mouros, não violassem corpos de neve e ouro, para que as espadas, os alfanges dos mouros, não tripudiassem no estupro e na morte os corpos que eram o sangue do seu sangue, a vida da sua vida, n'essa tarde gotica e predestinada de batalha. Iam agora para a morte a gritar vingança, a gritar Deus, a gritar o combate selvagemmente, como uma horda, como uma tribu guerreira iluminada pelos archotes, deante do luar, na campina absorta. A voz do chefe era sempre o latego sortilego. A' morte! A' morte! pondo arripios na alma, enchendo o coração de raiva e de odio concentrado. Ao longe ha fumo, sente-se o acampamento da gente ruim dos moiros, acampados e dormindo depois de terem bailado e tangido instrumentos e pandeiros, contentes do estupro e do roubo, violando, queimando os

templos, arrazando searas e mésses, queimando florestas e bosques emaranhados. Os guerreiros n'um repente avançam. São todos homens fortes, alguns moços, cem duzentos homens, tostados do trabalho, pele côr de pergaminho usado, fortes, herculeos, como bronzes nascidos das entranhas da terra. Um arripio os contorciona e elles partem doidos de odio e de sangue, de exterminio e de vingança, brandindo sortilegamente as espadas nuas, ao luar, como rasgões de prata, refulgindo á noite clara. Ha um exforço mais, os gritos são alalis, são ecos de lamentos, ha raivas contidas, cahidas no abismo da noite, emquanto á beira da floresta, os moiros acampados mal esperavam a investida macabra. N'um instante a batalha começa, doida, ebria de sangue, e tudo se degladia, ha corpos que brandem armas, gritos deseguaes, tumulto de figuras; por entre a floresta que o luar ilumina, ha corpos que cahem, gritos convulsos de vingança e morte, e eis que tudo se confunde de novo, que as figuras se misturam brandindo as armas, ferindo, matando, assassinando, n'um desejo doido, n'um desejo contente de bramir, de cantar o odio, á vista do sangue vermelho, côr de dalia virgem, sahido das feridas empapado e fulvo. A' morte, á morte! A clan avança, ha mais ruido, gritos, ha ginetes que se perdem, o acampamento dos moiros dispersa, os gritos são mais confusos, a batalha continua, emquanto o luar ao alto indiferente e alvacento, parece um lampeão no scenario azul do ceu. A' morte, á morte! Fulgem espadas cheias de sangue, ha mãos que se levantam, gritos cruzam-se no ar e morrem uns contra os outros, os fatos dos moiros são rasgados, a clan avança, avança, a figura enorme do chefe cuja voz é sortilega e dominadora, parece um ciclope, um titan redivivo. Vingança, vingança! Como n'um milagre, os portugueses, os guerreiros medievos, olham-se uns aos outros, ebrios de sangue e de morte. Cahe um inferno nas almas, os moiros morreram quasi todos, alguns fogem ainda perseguidos, o acampamento lembra uma tela de delirio e de sangue. No campo na batalha, xadrez colorido e policromo, o luar, o luar derrama ás pinceladas alvas, a sua luz de lirio fluido. Os moiros morreram todos, os fugitivos são caçados como feras. No meio da floresta, nas raras clareiras, ainda ha gritos, corpos que baqueiam, depois só o silencio e a paz.

A voz do chefe é forte e clara como um clarim heroico, que galvanisa e faz avançar, avançar para mais alem. Vingança! Vingança! Mas um grito sahindo do fundo das almas, um grito leonino e unisono, sahe das entranhas, do peito dos guerreiros — o crime, o crime!...

N'um relampago lembram-se das esposas, das mulheres, das mães mortas pelas proprias mãos. Santo Deus! Piedade, piedade! Julgaram morrer n'um holocausto e mataram! Julgaram ir para a morte e venceram! Deus fôra implacavel, Deus fôra injusto. Increpavam Deus, o odio era o seu gladio, o estandarte agora era o medo, era o começo de um remorso gigantesco e avassalante. Não iriam ver o templo cheio de mortos que o seu odio fizera, julgando fazer uma obra de belesa e sacrificio! Mas a voz do chefe ergueu-se mais alto. — Para deante, mais para deante, mais para alem!

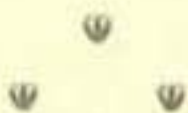
Alguns hesitam, não querem avançar, retardam os passos. Mas a voz do chefe é funda e enorme, é desvairada de orgulho dominadôr, hão de partir para além, para a aldeia visinha e mortuaria como um sacrilegio. O olhar dos homens rudes e trementes é lugubre e duende, mas o olhar cego do chefe, cego e fixo, a todos enche de coragem, a todos infunde medo e a horda caminha e a noite vai indo já esgarçada no azul das trevas. Agora ha esboços, gritos de luz. A clan avança, avança sempre, e o dia aclara, aclara, ha indicios de luz branca, lirial, alucinante. Todos caminham, emudecidos, ebrios de revolta e de mêdo, cheios de remorso, abominaveis aos seus proprios olhos de vencedores e heroes, no combate com a moirama desordenada e vencida. Figuras amassadas de sangue e de odio, combatendo, brandindo as armas homicidas que os enchiam de tristesa, os homens rudes da clan vergavam os troncos como escravos. Nisto assoma

o castelo ao alto. A dois passos a aldeia pequenina, o templo, a gotica ermida. Ha um desejo de desvairar, de gritar, de brandir de novo as armas — matarem-se uns aos outros, n'um desejo sortilego. Mas um abismo os pára. O sino toca a finados com uma mão invisivel, o sino toca a espaços lugubremente, o mêdo avança, a clan está petrificada, hirta, não quer entrar no templo.

A manhã agora é clara, como um riso, um espelho de fonte, como uma espada nua. E os guerreiros hirtos, petrificados, emquanto o sino tange a finados, deixam cahir as lagrimas estacadas, uma a uma, sobre as espadas homicidas e as mãos cheias de sangue — agora que cada vez, cada vez mais, a manhã dealbante veste a terra de luz alva e a morte passa nos olhos dos guerreiros como um remorso titanico e como um clarão duende e sinistro. O sino deixou de tocar, os guerreiros n'um espanto, resolutos, tontos, herculeos, entram na igreja deante do espetaculo irreal, macabro, dos corpos mortos, de olhos hiantes, de mãos crispadas, de cabelos revoltos, manchados de areia e sangue coagulado.

A manhã já clara esculpe todos os homens de espanto e elles parados não arredam do espetaculo barbaro — olham-se uns aos outros. O chefe é hirto como uma lança. Olham, uma, outra vez mais, n'um desvairo, n'um desejo de mais vingança, de mais sangue, de mais combate, de revolta ignea, brutal, dominadora. Emquanto nas almas uma noite abismal e soturna desce, o sol nasce e invade o mundo, veste os campos de oiro e de luz violenta, parecendo um ultrage ao crime e á tristeza. Toda a manhã gotica e loira é um hymno ao sol e á vida, apenas na alma dos guerreiros a noite desce e perdura como um abismo eterno, sem nome e sem fim. A manhã vai alta. A terra e o sol estão em pleno noivado.»

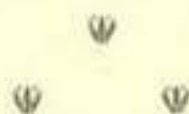
❦

❦ ❦

Quando Nuno Placido acabou havia em todos um espanto fundo. A prosa do artista era d'um colorido e d'uma vehemencia rarissimas. Tudo n'elle era pintura, dinamismo, tinta sortilega. O côro de aplausos vibrou. Mais do que todos os outros Marcos abraçou o artista dizendo: — «Que bela esculptura a do chefe do teu bando de guerreiros. Fizeste sendo escriptor uma admiravel obra de esculptura. O cinzel febril da tua prosa esculpiu uma maravilha. Eu que renuncio á minha arte, eu que vivi anos para o marmore e para o barro, abandono toda a minha obra porque ella é producto mais do meu talento do que do meu sonho. A esculptura mais bela, como alias toda a obra d'arte, é a que se sonha e se não realisa, a que no meu caso de esculptor nos aparece n'um instante, n'uma mulher pulcherrima que se desnuda, n'um corpo inviolado que se veste de ternura pela vez primeira.

A maior obra é o sonho de a realisar. O resto é tempo, pertinacia. Por isso eu renuncio. Repito sempre. E' mais belo viver o sonho d'uma obra do que realisa-la.»

Marcos Alvim emudeceu. Um corpo alvo, quasi desnudo, de seios hirtos e tremulos como punhaes de cio, envolvido por um manto rubro como uma grega, vem até nós sobraçando rosas brancas, umas, outras fulvas, vermelhas, sanguineas. Lisa, o modelo, um momento sob o raio de luar que entrava pela janela, divinisou-se, foi carne e estatua, foi cio e marmore, foi volupia e esculptura.

O esculptor atonito, ebrio de belesa e sonho, confessou então todo o seu remorso: — «A minha melhor obra é este instante, o teu corpo que eu busquei e procurei e que é divino, o luar que agora mesmo te esculpiu. A esculptura carnal mais bela é o sonho que não se realisa inteiramente.

Eu realisei o meu sonho, a minha melhor esculptura, adivinhando-te. A tua carne é estatua e marmore, deante do teu corpo todas as esculpturas são inferiores. A mesma noite que divinisa as fontes, que esculpe os jardins de luar, que torna irreaes os tumulos, foi a noite que te trouxe. A noite e a carne esculpiram o teu corpo de luar. Fiz bem em destruir a minha obra, ela é inferior ao modelo e não vibra, não estremece como Lisa, que é carne tremula, avassaladora e divina. A maior obra do artista é aquela que elle sente, amamenta no seu sonho e que nunca realiza.»

Todos saímos menos Lisa e o esculptor que ficaram em plena noite de nupcias do sonho e da perfeição, ela a incendia-lo de fluido alcool, elle a vesti-la de ternura pagã. Descendo a avenida, de madrugada, depois de nos despedir-mos de Ivo Monforte, eu e Nuno Placido discutimos muito o artista. E o escriptor atalhou então: — «Sim Marcos tem uma alma divina.

Comprehende a esculptura, a esculptura das chamas, a esculptura dos corpos, a esculptura do fogo, a esculptura do luar dando nas fontes, nos jardins.

E' a esculptura-instante, a esculptura creadora.

Queria crear beleza, não queria realizar beleza e quer viver uma vez mais para o remorso e para o sonho. Tambem eu tenho o remorso de não ser principe e o sonho de ser imortal, e no entanto vivo á espera da ilusão e da morte. Quer V. maior tortura do que a do artista que sabe que tudo morre, que dia a dia sabe que se vai morrendo, sem viver tudo o que ha no mundo em volupia e paisagem, em emoção e aventura e tem fé na vida e cria, e sonha e espera no triunfo, messianicamente. A vida é uma ponte entre o sonho e a morte. Só devemos caminhar, caminhar a direito na ilusão e no desconhecimento de todas as coisas. Não sei ainda porque existo, porque sou — e no entanto creio na vida e acredito em mim.»

Quando nos despedimos a cidade era um tumulo, só o luar ao alto lembrava uma lampada antiga no scenario da noite.

1923, Março. CORRÊA DA COSTA.

BUCÓLICA

Montanhas e valados do Senhor
Aonde nascem peregrinas flôres
E aonde se debuxam várias côres
Num concerto de luz fascinador;

Em vós tecem enredos mil de amôr
Os poetas ingénuos e os pastôres
Que em suas alegrias suas dôres
Hão-de sempre a beleza eterna pôr!

Almas ingénuas, melodiosamente
Elevam maravilhas amorosas
Nas palavras que formam seus cantares.

E todo o artista que ali esteja sente
Que os canticos de amor são como rosas
Eternamente perfumando os ares...

JAYME AZANCOT

SOLIDÃO

Este planalto misterioso leva
A terras idiais e nunca vistas,
Aonde as sensações mais imprevistas
Desparecem num céu que gela e neva.

Em torno dêle uma profunda tréva
Derrama e esbate a sombra das conquistas;
E pelo céu de opalas e ametistas
O sol rubro e pagão nunca se eleva.

Que terra é esta gélida e tão nua,
Em que um bruxo desenha alegorias
Aonde canta um desespero vão?

E a tal pergunta só responde a lua,
Muito ao longe, lançando pratas frias
Pela terra sem fim da Solidão!

JAYME AZANCOT